

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARIA NATHÁLIA LOPES DURÃES

Boudicca:
A rainha icena nos relatos de Tácito e Dion Cássio

MONOGRAFIA

GOIÂNIA,
2020

MARIA NATHÁLIA LOPES DURÃES

Boudicca:
A rainha icena nos relatos de Tácito e Dion Cássio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação de Pesquisa do Curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Professor(a) Licenciado(a) em História.

Orientador: Prof.Me. Ivan Vieira Neto

GOIÂNIA,
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

D951b Durães, Maria Nathália Lopes.
 Boudica : a rainha icena nos relatos de Tácito e Dion Cássio / Maria Nathália Lopes
 Durães. – 2020.
 70 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás,
Escola de Formação de Professores e Humanidades, Curso de Licenciatura em História,
Goiânia, 2020.

Orientação: Prof. Me. Ivan Vieira Neto.

1. *Britannia*. 2. Boudica. 3. Poder feminino. I. Título.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA E MONITORIA

Monografia nº 026/2020

Semestre 2020-2

Autor: **Maria Nathália Lopes Durães**

Título: **Boudica: a rainha icena nos relatos de Tácito e Dion Cássio**

TERMO DE APROVAÇÃO DE TRABALHO MONOGRÁFICO

A discente **Maria Nathália Lopes Durães** apresentou a monografia **Boudica: a rainha icena nos relatos de Tácito e Dion Cássio** às 19h00 do dia 11 de Dezembro de 2020, durante a **XII Semana Científica de História** e no âmbito do **I Colóquio de História e Arqueologia**, que se realizou entre os dias 07 e 12 de Dezembro. A banca de defesa foi presidida pelo Prof. Me. Ivan Vieira Neto (orientador) e integrada pelas avaliadoras Profa. Dra. Alice Maria de Souza e Profa. Dra. Taís Pagoto Bélo (USP).

Após a apresentação, a discente foi arguida pelos docentes nomeados acima e seu trabalho monográfico de conclusão de curso, requisito parcial para a obtenção do título de Professora Licenciada em História, considerado **aprovado** com conceito **B**.

Goiânia, 11 de Dezembro de 2020.

Prof. Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto

Coordenação de Pesquisa e Monitoria do Curso de História

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu orientador e coordenador do curso de História, Prof. Me. Ivan Vieira Neto. Antes de tudo, primeiramente por ter me aceitado como orientanda, mas também por toda a compreensão, ajuda e incentivo. Agradeço pela confiança depositada em mim não apenas na execução desta monografia, mas também nas duas Iniciações Científicas em que trabalhamos juntos e por me possibilitar desenvolver a pesquisa sobre temáticas que eu adorava, me ajudando em todo o processo desde o levantamento bibliográfico, na motivação e incentivo quando a insegurança parecia mais forte.

Em segundo lugar, agradeço ao GEMUNA (Grupo de Estudos do Mundo Antigo), coordenado pelo prof. Me. Ivan Vieira Neto, pois no decorrer de minha trajetória acadêmica, o grupo não se tornou apenas um ambiente que me proporcionava discussões sobre temáticas que me interessavam, tornou-se também um lugar em que eu encontrava apoio (tanto para a produção quanto emocional). Ser membro do GEMUNA foi uma das melhores coisas que me aconteceu na Graduação, tanto pelas pessoas que tive a honra e o prazer de conhecer quanto pela oportunidade de ter meu primeiro artigo publicado em livro.

Não poderia deixar de agradecer à minha mãe Maria Helena e ao meu padrasto José por estarem comigo ao longo de toda minha trajetória acadêmica e todo o esforço investido em minha educação, pois sei que nem sempre foi fácil. Houve muitos momentos em que abdicaram de coisas que queriam para que eu pudesse permanecer no curso. Sou grata ao meu padrasto por mesmo com sono, ficar até tarde esperando que eu chegasse ao último terminal de ônibus para que pudesse me buscar pois se preocupava comigo e com minha segurança. Agradeço por sempre me apoiarem e vibrarem com minhas conquistas mesmo sem entender o que exatamente significavam.

Gostaria de agradecer ao meu melhor amigo Pablo Henrique, pois todo o apoio que ele me deu durante minha trajetória foi fundamental para que eu conseguisse chegar até aqui. Agradeço por toda a paciência em ler meus textos e me dizer se estavam inteligíveis, pela motivação ao dizer “Você consegue!” “Você é capaz!”. Ainda que pareça pouco, havia dias em que minha produção se dava ao seu

incentivo. Obrigada por sempre estar comigo e principalmente por me acompanhar neste momento, obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava.

Por fim, **agradeço a mim**. Sou grata por não ter desistido mesmo com todos os empecilhos, por ter me mantido focada durante minha vida acadêmica buscando sempre dar o melhor de mim. Mesmo com todos os erros, eu consegui, eu cheguei até aqui. Então sim, **agradeço a mim**.

Nolite te bastardes carborundorum

Margaret Atwood

RESUMO

Boudicca é uma rainha dos iceni, tribo bretã localizada na *Britannia*, província romana desde o século I ^{EC}. Considerada a primeira mulher na liderança de um levante contra Roma (BÉLO, 2014, p. 216), ocorrido em 60 ou 61 ^{EC}. O confronto liderado pela guerreira bretã foi narrado pelos autores romanos Tácito em suas obras *Vida de Agrícola* e *Anais*, e Dion Cássio, em sua obra *HistÓria Romana*. Enquanto Tácito faz da bretã uma descrição com foco na Boudicca mãe e mulher, insurgente porque estava cansada dos abusos romanos, levando o povo bretão a lutar contra o império e buscar sua liberdade. Já na narrativa de Dion Cássio, a descrição da rainha icena busca enfatizar a guerreira como uma líder bárbara, como agente de ações bestiais marcadas por traços de sua devoção por Andraste (deusa iceni da Guerra e da Vitória). Percebemos na narrativa romana, uma visão negativa sobre o poder e a autoridade exercidas por Boudicca na descrição dos historiadores romanos. Esta negatividade é mais explícita nas obras de Tácito. O autor romano se refere à inimiga de Roma como uma *dux femina*, termo que marca a excepcionalidade e a tragédia de seu governo.

Palavras-chave: Britannia, Boudicca, poder feminino.

ABSTRACT

Boudicca was a Celtic queen of the tribe of the Iceni, located in Britannia, Roman province since the 1st century AD. The clash leads by the Breton female warrior was narrated by roman authors Tacitus and Cassius Dio in their works *Agricola* and *Annals*, and History of Rome, respectively. While Tacitus describes the Breton queen focusing in Boudicca's attributes as a woman and mother, rebelling against roman abuse and exhausted of their foreigner rule, leading the Breton people to fight against the Empire and seek for freedom. On the other hand, Cassius Dio describes the Iceni queen imparting her as a warrior and barbaric leader, hitherto and against of bestial actions, marked by traces of her devotion to Andraste (the iceni goddess of war and victory). We perceive in the Roman narrative a negative view on the power and authority exercised by the female gender in the description of Roman historians about the Celtic queen. This negativity is more explicit in the works of Tacitus. This Roman author refers to the enemy of Rome as a *dux femina*, concept that remarks the exceptionality and tragedy of her female rule.

Palavras-chave: Britannia, Boudicca, female power.

SUMÁRIO

Introdução	11
Primeiro Capítulo: Conquista romana da Britannia	18
Item 1.1: Iceni e seus aliados	18
Item 1.2: A resistência de Caratacus	23
Item 1.3: O conceito de bárbaro	27
Segundo Capítulo: Representações de Boudica	35
Item 2.1: Boudicca na narrativa de Tácito	36
Item 2.2: Buduica: Boudicca em Dion Cássio	47
Item 2.3: Dux Femina	57
Considerações Finais	63
 Bibliografia	 65

INTRODUÇÃO

O interesse para essa pesquisa surgiu no fim de 2017 quando estava procurando um recorte que me interessasse para a Iniciação Científica. Desde que ingressei na universidade tinha o desejo de estudar o mundo celta e em meios às minhas pesquisas conheci a rainha Boudicca¹. Sua história me chamou atenção porque me interessava com o mundo celta e me parecia fascinante. Na bretã vi a oportunidade de conseguir trabalhar com algo que eu amava. Minha primeira experiência pesquisando a rainha foi durante a Iniciação Científica, realizada no período de Agosto de 2018/ Julho 2019, intitulada “*Boudica, a guerreira da Britannia: Representações e importância da rainha ao longo dos tempos*” na qual nos propusemos compreender a história de Boudicca pelo viés das Performances Culturais e entender o papel que a personagem desempenhava no imaginário coletivo. Para tanto, trabalhamos também as representações da bretã nas fontes romanas.

Foi um processo desafiador, no sentido das dificuldades encontradas no início para obter bibliografia. Mas o resultado foi muito satisfatório. Na primeira Iniciação Científica não havia uma limitação temporal acerca do recorte e essa vontade de falar de tudo contribuiu para que houvesse o amadurecimento da temática, resultando no nosso recorte atual, devidamente centrado na rainha e na sua atuação no mundo antigo.

Já na segunda Iniciação Científica apesar de me manter dentro do mundo celta, minha pesquisa foi voltada para os druidas intitulada “*Sacerdócio Pagão na Irlanda da Antiguidade Tardia: São Patrício contra o Druidismo Celta na Ilha de Eire (séc. V_{EC})*”. Neste trabalho analisamos como o simbolismo e o imaginário atuaram na construção da imagem do paganismo celta na Ilha de Eire² no século V_{EC}.

As Iniciações Científicas e as discussões levantadas no GEMUNA (Grupo de Estudos do Mundo Antigo do Curso de História da PUC Goiás) foram fundamentais

¹ Utilizamos a grafia do nome da rainha em sua forma latinizada. A etimologia do nome da bretã vem do latim Boudicca, do protocéltico Boudīkā (do qual o protobritônico é Būdīg), do protocéltico boudīkos que significa vitorioso, do protocéltico *boudi* que é butim/vitória. BOUDICA WIKITIONARY. Disponível em: ><https://en.wiktionary.org/wiki/Boudica#English>< Acesso em: 26 de Novembro de 2020.

O nome de Boudīkā pode ainda ser grafado como Boadicea ou Boudica.

² Irlanda.

para que nesse momento de construção da monografia o terreno já estivesse preparado e não houvesse tantas dificuldades no processo de escrita.

Ainda durante a Graduação, tivemos a oportunidade de publicar na coletânea *Mitos, Deusas e Heróis: ensaios sobre a Antiguidade e o Medievo*, organizada pela Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva (GEMAM/UFSM) e o Prof. Me. Ivan Vieira Neto (GEMUNA/PUC Goiás). Nosso capítulo intitulou-se *A rainha Boudica representada nas fontes romanas*. Durante esse percurso recebemos do Prof. Dr. Dominique Vieira dos Santos (LBEAM/FURB) o convite para ingressar o grupo *Insulæ* (Grupo de Estudos sobre a Britânia, Irlanda e as Ilhas do Arquipélago Norte na Antiguidade e Medievo). Nossa trajetória acadêmica, portanto, está marcada por encontros felizes e oportunidades que possibilitaram a confecção do trabalho monográfico aqui apresentado.

O processo de anexação da ilha da *Britannia* como província romana teve seu início com o príncipe Caratacus³ possível filho do rei Cunobelinus⁴ e segundo Renato Pinto, teria governado a tribo dos Catuvellauni localizada que corresponde hoje ao território do País de Gales (PINTO, p.130; HINGLEY, 2000, 73). Todavia, o evento que norteia este trabalho é o levante liderado por Boudicca, rainha dos iceni, contra o Império Romano durante o século I em 60 ou 61 E.C., na *Britannia*. A rebelião teria sido um retrato do ressentimento bretão em relação ao exército romano. Nosso estudo objetivou apresentar as formas pelas quais a rainha Boudicca foi representada nas fontes romanas.

Boudīkā, Boadicea, Buduica ou Boudicca tornou-se uma personagem importante para os estudos historiográficos, inúmeros autores falam de Boudicca são: Richard Hingley, Christina Unwin, Miranda Aldhouse-Green, Caitlin Gillespie. No contexto brasileiro destacamos Taís Pagoto Bélo e Renato Pinto. Trata-se de uma figura com inúmeras representações em diferentes contextos históricos: mulher, mãe, rainha, guerreira, uma combatente em busca de liberdade, um símbolo patriótico, uma figura evocada em discursos políticos e de poder etc., utilizada para diversas finalidades. O eixo norteador desta pesquisa é a análise das representações de Boudicca na historiografia romana. Buscamos identificar os elementos que

³ Caratacus liderou uma rebelião contra o Império Romano em 43 EC. O bretão foi um forte oponente durante as batalhas, causando baixas no exército romano e se tornando uma figura conhecida entre os romanos (PINTO, 2011, p.148-149).

⁴ Cunobelinus foi rei da tribo dos Catuvellauni.

constituíram a rainha icena como símbolo descomedimento e signo da falibilidade feminina e da barbárie.

Tácito e Dion Cássio nos trazem os relatos primários sobre quem foi essa rainha bretã e como se deu o processo de resistência que ela liderou na *Britannia*. Os autores romanos relatam o processo de conquista da *Britannia* desde sua chegada até o período da anexação da ilha com a resistência de Caratacus, e os eventos que culminaram no levante liderado por Boudicca. Identificando os assentamentos destruídos pela rebelião bretã e as alianças formadas por Boudicca durante sua insurgência contra os invasores romanos.

É uma personagem pertinente no campo dos estudos de gênero, pois foi a primeira mulher a comandar uma insurreição contra o exército romano (BÉLO, 2014, p.216), sobre a qual a historiografia romana produziu detalhado registro, atribuindo-lhe a liderança de um levante contra as forças romanas em 60 ou 61 EC, durante os confrontos entre as forças latinas e os líderes bretões.

A respeito do levante liderado por Boudicca, neste momento o abordaremos brevemente, pois é no capítulo dois que trabalhamos melhor com a revolta de Boudicca nas fontes de Tácito e Dion Cássio. Tácito relata que quando Suetonius⁵ estava em Mona, foi informado de uma revolta repentina na província por parte bretões (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 30). Prasutagus, que era rei dos Iceni, famoso por sua riqueza, deixou em seu testamento como seus herdeiros o imperador Nero suas duas filhas, com o propósito de que esse ato de submissão mantivesse sua família longe de perigo. No entanto, após sua morte, esse ato resultou em seu reino e casa sendo saqueado pelos centuriões. Boudicca que era sua esposa foi açoitada e suas filhas foram estupradas. Os iceni foram despojados de suas posses ancestrais e feitos escravos. A rainha, cansada dos abusos, vendo que agora estavam em condição de província, motivou seu povo a insurgir-se contra os romanos e buscou aliança com a tribo dos Trinovantes. Partiram rumo a *Camulodum*, lá encontraram no assentamento um templo erigido ao Divino Cláudio⁶. A destruição dessa colônia foi fácil pois os bretões estavam em grande número e o local estava desprotegido (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 31).

⁵ Caio Suetônio Paulino, foi senador e general romano. Governou a Britannia romana e é conhecido por ter sido o comandante que venceu Boudicca.

⁶ Imperador Cláudio (41 d.C. – 54 d.C.) (VIEIRA, Willian Mancini, 2012, p. 38).

Tácito descreve que em Camulodunum a estátua da Vitória foi lançada ao chão, caindo de um modo que era como se até ela fugisse dos inimigos. Tácito afirma que as mulheres estavam excitadas pelo frenesi da guerra e profetizavam a destruição dos assentamentos romanos. O escritor diz que elas deliravam em uma “língua estranha” referindo-se ao idioma nativo dos bretões, mas para o romano, qualquer língua que não fosse a dele era uma língua bárbara. Tácito afirma que as mulheres bretãs e suas profecias foram ouvidas até no Senado e tudo que se via do assentamento era destruição. Durante todo esse conflito Suetônio estava longe, os habitantes então pediram ajuda para o procurador *Cato Deciano*⁷. Ele então enviou duzentos homens, sem armas regulares e uma pequena força militar. Foram surpreendidos e cercados pelos bárbaros. Tudo foi saqueado. O exército vitorioso de Boudicca encontrou Petilius Cerialis⁸, comandante da nona legião, quando ele estava indo ajudar o pessoal de Camulodunum, o comandante teve então suas tropas e infantaria destruídas pelo exército da rainha bretã. Cerialis acabou conseguindo escapar, alarmado por todo o desastre e fúria dos nativos, enquanto Cato foi para a Gália (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 32).

Suetônio então marchou de Mona para Londinium⁹. Segundo Tácito, ele não sabia ainda se deveria escolhê-la como sede de guerra. O historiador relata que nem o pranto do povo o impediu de dar sinal de partida para que seu exército ocupasse o local e o acompanhassem. Tácito relata que foram isolados pelos seus inimigos aqueles que estavam acorrentados ao local aqueles que eram enfermos ou estavam acorrentados pela fraqueza de seu sexo, nesse caso, o autor refere-se as mulheres. A ruína caiu sobre Verulamium, pois o exército liderado por Boudicca saqueou toda cidade e foram, segundo o historiador romano, indiferentes a toda violência. Os rebeldes passaram então pelas fortalezas com guarnições militares e atacaram o que quer que oferecesse mais riqueza ao saqueador e não fosse seguro para defesa. Tácito informa que foram em torno de setenta mil cidadãos e aliados que caíram nos assentamentos mencionados por ele. O desejo dos bárbaros, segundo ele, não era fazer prisioneiros e vende-los, nem tinham interesse em qualquer troca de guerra:

⁸ *Quintus Petillius Cerialis Caesius Rufus* foi um distinto comandante que lutou por Vespasiano (de quem era parente) na guerra civil, suprimiu a revolta de Civilis e se tornou governador da Britannia. Ele foi cônsul em 70 e 74 EC (TÁCITO, *Anais*, p. 487).

⁹ Londinium que corresponde a atual Londres. É a mais antiga referência histórica a Londres, que veio a se tornar um importante centro comercial desde o início da presença romana na Grã-Bretanha. Era uma cidade aberta sem defesas ou guarnição (TÁCITO- *Anais*, p. 487).

estavam motivados pela matança, com um desejo de vingança (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 33).

Suetônio comandava XIV legião com os veteranos da XX, também auxiliares da vizinhança. Em números, sua chegava em torno de dez mil homens armados quando estava se preparando para travar mais uma batalha com os bretões. Seu exército posicionou-se próximo de um desfiladeiro bem estreito, com a retaguarda fechada por um bosque, tendo primeiro verificado que não havia soldados inimigos exceto em sua frente, local em que uma planície aberta se estendia sem que houvesse perigo de emboscada. Estava com as legiões em ordem e ao redor deles as tropas com armas leves e a cavalaria em formação densa nas alas. Já o exército dos bretões estava com suas massas de infantaria e cavalaria, esboçava alegria e confiança, um exército mais vasto do que os romanos jamais veriam novamente, ferozes de espírito, para testemunhar a vitória, com suas esposas andando em carroças. Boudicca, com as filhas à sua frente numa carruagem, passou por tribo após tribo, protestando contra os abusos romanos. Tácito ressalta que era normal que os bretões lutassem sob a liderança de mulheres (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 34-35).

O que aconteceu a seguir foi o grande confronto. No início, a legião manteve sua posição, conforme a narrativa de Tácito, agarrando-se ao estreito desfiladeiro como tática de defesa. Os soldados romanos dispararam contra seus inimigos bretões com uma mira infalível. Os soldados auxiliares executaram um ataque semelhante ao dos legionários. A cavalaria romana ia rompendo com suas lanças todos os inimigos que ofereciam uma resistência forte. O resto dos bretões deu meia-volta, sendo difícil escapar porque as carroças posicionadas ao redor deles bloquearam todas as saídas. Os soldados romanos não pouparam da morte nem mesmo as mulheres. Tácito afirma que foi uma grande glória para os romanos, semelhante as das antigas batalhas que travavam. Tácito descreve que algumas pessoas diziam que haviam caído em torno de um pouco menos de oitenta mil bretões enquanto perderam apenas quatrocentos. Após o fim da batalha, Tácito afirma que Boudicca pôs fim à sua vida com veneno (TÁCITO, *Anais*, XIV, 37).

Entendendo como se deu a revolta liderada por Boudicca, traremos para nossa pesquisa os desdobramentos e o modo com que a rainha e seus feitos foram descritos pelos escritores romanos.

A estrutura da nossa monografia consiste em: No primeiro capítulo trabalhamos com a conquista romana da *Britannia*. Expusemos quem eram os Iceni e

quem foram seus aliados no levante liderado por Boudicca. Trazemos para a nossa discussão Caratacus e sua resistência à anexação romana da ilha. Trabalhamos por fim, com a ideia do bárbaro, pois este é uma figura constante na narrativa dos nossos autores romanos, sendo a própria Boudicca também uma bárbara.

No subcapítulo 1.1 “Iceni e seus aliados” apresentamos a tribo liderada pela rainha guerreira e as tribos aliadas em sua rebelião antirromana: os Iceni e os Trinovantes. Discorremos sobre um pouco da cultura material e os costumes dessas tribos e apresentamos brevemente suas histórias. Apresentamos essas tribos até chegarmos no momento da resistência de Caratacus, o personagem do nosso subcapítulo 1.2.

No subcapítulo 1.2 “A resistência de Caratacus” discorremos acerca da resistência de Caratacus perante a anexação da Britannia a província romana em 43 EC. Ele travou uma incansável batalha contra o exército romano entre 43-51EC. Nesse momento a *Britannia* estava sendo invadida por Claudio. Após esse extenso conflito e uma traição por parte da rainha Cartimandua que sendo submissa ao império romano, lhes entregou o príncipe bretão, que foi derrotado. Abordamos em nossa discussão como o guerreiro foi retratado nos escritos de Tácito e Dion Cássio e o que diferiu na forma com que Boudicca foi retratada.

No subcapítulo 1.4 intitulado “O conceito de bárbaro” apresentamos esse conceito fundamental para a nossa pesquisa. A compreensão de romanização, quem eram os bárbaros se faz importantes para que entendamos o modo com que Boudicca e os bretões foram retratados na narrativa romana. A visão que o romano tinha do “outro” enquanto bárbaro era um dos principais influenciadores para a escrita romana.

Já no segundo capítulo “Representações de Boudicca” abordamos as formas com que a bretã foi representada nas fontes romanas. Temos os historiadores romanos Tácito com *Vida de Agrícola* e *Anais* e Dion Cássio com a obra *História Romana*. Os dois historiadores apresentam Boudicca de modo diferente, trazendo em suas narrativas a mãe, mulher, rainha, guerreira e bárbara. Segundo esses autores, o levante liderado pela bretã teria ocorrido entre 60-61EC.

No subcapítulo 2.1, intitulado *Boudicca na narrativa de Tácito* discutimos de que modo o autor retratou a rainha iceni em suas obras. O autor apresenta a bretã em sua narrativa quando entra no assunto das batalhas que ocorriam no território dos bretões. Em *vida de Agrícola* a guerreira aparece entre os capítulos XIV e XVI. Tácito se refere a ela como uma *generis regii femina duce* (líder mulher de ascendência real)

ou *dux femina* (mulher comandante) (TÁCITO, Vida de Agrícola, cap. XVI, sç, 1.1). Nos *Anais* a descrição sobre a rainha e o levante liderado por ela já aprecem mais detalhados. Utilizamos dessa obra o livro XIV no qual Tácito faz um levantamento do processo de invasão da *Britannia* e da rebelião liderada pela rainha iceni.

No subcapítulo 2.2. *Buduica: Boudicca em Dion Cássio* trabalhamos com o volume VIII da obra *História Romana* utilizando o livro XLII. Renato Pinto afirma que Dion Cássio escreveu sobre a rebelião liderada pela rainha no fim do século II EC, bem posterior ao momento de sua ocorrência (PINTO, 2011, p.113) . A obra do historiador está escrita em grego clássico e o autor grafa o nome da bretã como Bouδουικα (Buduika). Um ponto que destacamos em nossa discussão é a ênfase que o autor deu na descrição masculinizada da governante (PINTO, 2011, p.118-119; HINGLEY, 2000, p.74-78), propusemos analisar quais elementos podem ter influenciado nessa representação feita por Dion Cássio.

Por fim, no 2.3 intitulado “*Dux Femina*”, trazemos a discussão levantada por Francesca L’hoir desse termo atribuído a Boudicca na narrativa de Tácito. Á questão de conclusão, problematizamos a negatividade e tom pejorativo conferidos pelo autor ao descrever a rainha guerreira como uma *dux femina*.

Primeiro capítulo: Conquista romana da *Britannia*

Nesse capítulo abordamos a conquista da *Britannia* pelos romanos a partir da resistência de Caratacus que ocasionou na anexação da ilha à província romana. O príncipe bretão foi um dos líderes da ilha a ter uma resistência notável, apesar de ter sido derrotado, Caratacus estabelece para nós um bom material, inclusive para compararmos como a resistência de um líder masculino foi retratada pelos romanos em relação ao tratamento conferido a Boudicca pelos autores romanos.

No nosso tópico 1.1, trabalhamos a tribo dos Iceni, na qual Boudicca era rainha e seus aliados no levante contra o exército romano. Abordamos um pouco da história dessas tribos desde alguns relatos de César. São tribos que já possuíam uma história com o exército romano desde as primeiras investidas na ilha da Britannia e que viram suas relações se estreitarem na insurreição de Boudicca, na qual se tornaram aliados. Nosso tópico aborda de forma breve os momentos que César narra sua chegada na ilha, passando brevemente por sua história com o levante de Boudicca, pois isto nos aprofundaremos melhor no Capítulo 2 e abordamos a história dos Trinovantes até chegarmos na rebelião de Caratacus, que é o personagem do nosso tópico 1.2.

No tópico 1.2 abordamos a resistência de Caratacus. Ele travou uma incansável batalha contra o exército romano entre 43-51^{EC}. Nesse momento a Britannia estava sendo conquistada por Claudio. Após esse extenso conflito e uma traição por parte da rainha Cartimandua que sendo submissa ao império romano, lhes entregou o príncipe bretão, que foi derrotado. Abordamos em nossa discussão como o guerreiro foi retratado nos escritos de Tácito e Dion Cássio e o que diferiu na forma com que Boudicca foi retratada.

No nosso subcapítulo 1.3 trabalhamos com o conceito de bárbaro, pois este é figura presente nos relatos dos autores romanos que utilizamos. Compreender quem eram esses bárbaros, o que e quem era o bárbaro para o romano é importante para trabalharmos com a narrativa romana sobre o levante liderado por Boudicca, visto que nos relatos, os bretões insurgentes são chamados de bárbaros.

1.1. Os *Iceni* e seus aliados

Segundo Christopher Snyder, ao norte do Tâmsa estavam duas poderosas tribos que eventualmente vieram a se fundir: os Catuvellauni e os Trinovantes. Um pouco mais isolados localizados na região de Norfolk viviam os *Iceni*¹⁰. Mesmo assim, apesar do isolamento, as tribos dos Catuvellauni e Trinovantes exerciam fortes influências sobre a população iceni (SNYDER, 2003, p. 24-25). Os Trinovantes foram um dos importantes aliados de Boudicca durante o levante.

Os *Iceni*¹¹, conforme salienta Gillespie, eram vizinhos dos Trinovantes que ficavam ao norte. Viviam na região da Ânglia Oriental, ocupando algumas áreas de Norfolk, o nordeste de Cambridgeshire¹² e partes do norte de Suffolk (BÉLO, 2014, p. 46). Segundo a historiadora, eles podem ser associados aos *Cenimagni* de César, podendo ser interpretados como os *Iceni Magni* ou “grande iceni”, uma das cinco tribos que foram submetidas a César depois de os trinovantes ficarem sob sua proteção. A historiadora relata que aparentemente os iceni teriam sido um povo bem rico com interesse em metais (GILLESPIE, 2018, p.25). A autora evidencia que:

Achados arqueológicos de objetos relacionados a cavalos são comuns, enquanto armas e cerâmicas importadas são raras. A cunhagem iceniana foi cunhada em três fases de cerca de 50^{aEC} a 50^{EC} e desenvolveu agrupamentos denominacionais claros, incluindo estatores de ouro, trimestres, unidades de prata e até unidades fracionárias, indicando uma economia monetizada complexa. Moedas de prata datadas de 50-15 ^{aEC} exibem uma cabeça feminina usando um diadema (talvez uma coroa lunar) no anverso e um cavalo no reverso. Este pode ser o tipo de moeda mais antigo dos icenos (GILLESPIE, 2018, p.25).

Gillespie salienta que as moedas icenianas mais antigas identificáveis, datam de aproximadamente 10 ^{aEC} e são bastante semelhantes as moedas de Tasciovanus¹³. Segundo Gillespie, estatores¹⁴ de ouro e unidades de prata foram comuns de 20 a 50 ^{EC}, encontradas na Ânglia Oriental podendo indicar uma federação

¹⁰ Segundo Tais Pagoto Bélo, foi apenas durante a segunda e terceira décadas do século I^{EC} que os iceni se constituíram como tribo, antes eram um pequeno grupo de pessoas que viviam vagando pelas terras da Britannia (BÉLO, 2014, p. 49).

¹¹ Hingley & Unwin salientam que Júlio César menciona uma tribo que vivia ao norte do Thame em aproximadamente 55-54 ^{aEC}, chamada Cenimagni. Os autores acreditam que possa ser possível que essas pessoas dessa tribo mais tarde seriam conhecidas como Iceni, embora não exista dados concretos sobre isso. Várias das tribos da Britannia do final da Idade do Ferro têm segundo os historiadores, nomes que podem ser traduzidos na atualidade, mas o significado do nome 'Iceni' não é muito claro (HINGLEY & UNWIN, 2005, p.26).

¹² É atualmente conhecido como Condado de Cambridge, é um condado não metropolitano da Inglaterra.

¹³ Tasciovanus foi rei da tribo Catuvellauni antes da conquista romana da Britannia.

¹⁴ Moedas antigas que eram feitas de ouro ou prata.

tribal por meio da legenda ECEN ou ECE (para Icení). A autora evidencia que após esse período, houve a substituição da moeda icení pela moeda de Roma, embora tenham sido encontradas moedas icení e romanas mistas na região da Ânglia Oriental, sugerindo então que mesmo após as invasões romanas os icení continuaram utilizando sua moeda, à qual acrescentaram o uso da moeda romana (GILLESPIE, 2018, p.25).

Hingley & Unwin salientam que nos relatos de César o nome que ele usa para referenciar aos Icení possa até significar '*Icení magni*', significando o "grande" "forte" ou "extensos" Icenos, referindo-se ao fato de que eles eram um povo poderoso ou que possivelmente ocupavam e controlavam uma extensa área. Para os historiadores, há uma falta de correspondência entre os nomes usados por César e as referências posteriores aos agrupamentos de tribos bretãs, isso acaba por deixar uma certa incerteza sobre a existência das tribos antes da conquista. Eles evidenciam que os Icení, no entanto, podem ter sido uma das tribos do fim da Idade do Ferro que não foram incorporadas diretamente à província romana durante da invasão de 43 EC¹⁵. Os autores ressaltam que a primeira vez que de fato ouvimos falar sobre eles¹⁶ por exceção da referência de César, foi por volta de 47-48 EC, pois foi nesse período que Tácito relata que a tribo se rebelou (HINGLEY & UNWIN, 2005, p. 26).

Durante o levante liderado por Boudicca, os Icení tiveram um importante aliado: os Trinovantes¹⁷. Segundo Bélo, logo após o episódio em que as filhas da rainha icení foram agredidas, iniciou-se a guerra na qual a bretã se levantou contra o império romano unindo-se aos seus vizinhos Trinovantes (BÉLO, 2014, p. 66). Bélo

¹⁵ Conforme Hingley & Unwin apontam, a Idade do Ferro durou um pouco mais em algumas áreas do que em outras. No território dos Icení, por exemplo, efetivamente durou de 60 a 61 EC, quando a tribo foi derrotada na batalha liderada por Boudicca e o território anexado por Roma (HINGLEY & UNWIN, 2005, p. 4).

¹⁶ Segundo Hingley & Unwin, eles parecem ter sido provocados à ação como resultado da tentativa do governador romano, Ostorius Scapula, de desarmar bretões suspeitos e estabelecer um linha avançada de controle, isso provavelmente teria acontecido nos rios Trento e Severn. Tácito nos diz, segundo os autores, que antes desse período eles haviam se aliado aos romanos sem que houvesse batalha. Esses eventos sugerem que os Icení foram definidos como um reino amigo durante a invasão inicial da Britannia e assim permaneceram por toda uma geração. Sabemos que os Icení foram governados pelo rei Prasutagus e por Boudicca após sua morte em 60 ou 61 EC, e isso é um indicativo de que eles não foram pelo império após sua revolta inicial. Visto isso, acredita-se que aristocracia governante não estava envolvida na revolta de 47 a 48 EC, ou que Prasutagus foi colocado no controle da tribo após a revolta (HINGLEY & UNWIN, 2005, p. 26).

¹⁷ Segundo Webster, a tribo ocupa a península de Colne, e foi chamada por César de Trinovantes. Segundo o historiador, as moedas encontradas indicam que seus líderes fizeram parte da migração associada ao tipo 'A'. Webster salienta que o príncipe Mandubracius, foi até César suplicar antes da invasão de 55 aEC, ele teria fugido depois que seu pai foi morto por Cassivellaunus. Evidencia o autor que se pode inferir disso que os migrantes galo-belgas estiveram em guerra com uma tribo vizinha e sofreram uma derrota (WEBSTER, 2003, p. 45).

salienta que os trinovantes foram a primeira tribo a enfrentar os romanos, o que resultou em *Camulodunum*¹⁸ se tornando o primeiro assentamento romano na ilha da Britannia. O assentamento abrigou segundo a historiadora, a XX Legião, no ano de 49 EC. Quando aconteceu a primeira ofensiva contra os iceni, esse assentamento passou a ser a primeira colônia romana (BÉLO, 2014, p. 146).

A história dessa tribo está ligada aos romanos por eventos anteriores, quando houve as primeiras investidas romanas na ilha, Segundo Graham Webster, os trinovantes se aliaram a Roma após a morte do rei Cunobelinus. O autor diz:

Um jovem príncipe dos Trinovantes tinha ido a César na Gália para buscar sua proteção, após seu pai ter sido morto por Cassivellaunus. César tinha, portanto, um aliado valioso na península de Colne, em Essex, e essa tribo não apenas forneceu comida ao seu exército, mas persuadiu outros a se juntarem a eles na submissão a Roma [...] As implicações políticas disso são discutidas em outro lugar, mas seu efeito no avanço de César foi dramático, já que os aliados foram capazes de dizer a ele onde encontrar a fortaleza de Cassivellaunus nas densas florestas e pântanos. Isso foi prontamente e efetivamente acatado [...] Como último lance, o comandante bretão ordenou às tribos de Kent que atacassem a base naval romana em um esforço desesperado para isolar César da Gália. Mas quando suas forças apareceram, os romanos não esperaram atrás de suas defesas, mas avançaram e atacaram, colocando os bretões em fuga. Cassivellaunus agora tinha pouca opção a não ser pedir a paz, tendo Cômio atuado como negociador. Em troca, além de impostos, César ordenou que Cassivellaunus deixasse os trinovantes em paz (WEBSTER, 2003, p. 39-40).

Caitlin Gillespie afirma que César relata suas viagens sucessivas à Britannia em 55 e 54 AEC em sua obra *Commentarii De Bello Gallico*. A expedição de 55 AEC teria ocorrido no final da temporada da campanha de César e serviu como uma viagem exploratória para a invasão que viria a ocorrer posteriormente. Gillespie ressalta que as motivações de César não são totalmente claras. A historiadora levanta a possibilidade de ele ter esperado obter um maior ganho de riqueza e conhecimento dos recursos naturais que poderiam apresentar possibilidades comerciais, ou que ele pode ter tido o desejo de impedir que o exército de bretões cruzassem o canal para auxiliar os gauleses e germânicos em sua resistência a Roma. Gillespie afirma que

¹⁸Camulodunum, segundo Bélo, recebeu o status de colônia, devido ao fato de ter se tornado um assentamento de legionários aposentados que teriam servido em uma ou mais legiões na região da Britannia. Possuía um ar militar e havia por parte do império romano, fazer deste assentamento a nova capital da província buscando testar o controle destes novos territórios, deste modo sua principal função era a manutenção dos veteranos e realizar a abertura para o fornecimento de novos (BÉLO, 2014, p. 146).

talvez César possa ter ficado fascinado pela Britannia como uma terra desconhecida, isolada e invicta. Gillespie afirma que segundo Dion Cássio, ele cobiçava a ilha (DION CÁSSIO, *História Romana*, livro XL, 1.2). A historiadora afirma que seja qual foi o motivo de César, a sua primeira campanha obteve sucesso em provar a existência da Britannia. De acordo com David Mattingly citado por Gillespie, após a ocupação de uma cabeça de praia na área de Kent e várias batalhas, César fez as pazes com os nativos conquistados e exigiu reféns antes de partir para o inverno no continente (MATTINGLY, 2006, p.65). Gillespie afirma segundo Dion Cássio, que apenas dois povos enviaram a quantidade necessária de reféns, no entanto, os romanos enalteceram César como um conquistador e votaram uma ação de graças de vinte dias (DION CÁSSIO, *História Romana*, livro XXXIX, 53.2) Quando ele voltou para a Gália, alguns bretões da elite o abordaram como aliados, entre eles: Commius dos Atrebates e Mandubracius dos Trinovantes, que o pai governante havia sido morto por Cassivellaunus, rei dos Catuvellauni (GILLESPIE, 2018, p. 16).

Gillespie afirma que no ano seguinte, César montou uma expedição com cinco legiões, com vários cavaleiros, através do Tâmesa e nas terras dos Catuvellauni, mas não conseguiu estabelecer naquele território um ponto de apoio duradouro. Os nativos possuíam grande experiência no uso de táticas de guerra e possuíam carruagens fáceis de manobrar mesmo em território praieiro. César tinha como principal adversário Cassivellaunus, responsável por reunir povos do sudeste da Britannia sob sua liderança. Ela afirma que esses grupos começaram a desertar para César, incluindo os Trinovantes. Mas ao fim da campanha, Cassivellaunus cedeu. Commius foi o mediador da paz e foi nomeado por César devido a seus esforços, rei dos Atrebates. A historiadora relata que César exigia reféns, tributo anual e proibia a guerra entre Cassivellaunus e os Trinovantes. Gillespie referenciando a obra *De Bello Galico* de Júlio César, que ele colocou Mandubracius no lugar de seu pai como rei e navegou de volta ao continente (JÚLIO CÉSAR, *De Bello Galico*, 5.20-22). Segundo a historiadora, as investidas de César na Britannia sugeriram que valia a pena explorar mais a ilha, mas seu impacto imediato não foi insignificante (GILLESPIE, 2018, p.16). Gillespie relata que César acabou sendo impedido de retornar pela revolta de Vercingetórix na Gália, e por esse motivo, nunca retomou sua conquista. De acordo com Tácito citado por Gillespie (2018, p.17), o historiador romano define brevemente o papel de César: “*Primeiro de todos os romanos, o deificado Júlio entrou na Britannia com um exército. Embora tenha alarmado os habitantes com uma batalha bem-*

sucedida e controlado a costa, ele parecia ter apontado para aqueles que vieram depois dele, mas não o entregou” (TÁCITO, Vida de Agrícola, 13.1).

Portanto, foram após as primeiras investidas de César que os bretões passaram a ter que pagar tributos para os romanos. Essa relação de clientelismo foi necessária para evitar maiores conflitos que viessem a resultar em mais mortes e abusos sofridos pelos bretões. Por bastante tempo os povos habitantes da *Britannia* acataram as ordens romanas sem questionamento, mas isso começou a mudar quando houve o primeiro levante contra as forças militares na ilha, liderado por Caratacus, como explicaremos a seguir.

1.3. A resistência de Caratacus

Webster afirma que a invasão da Britannia pelo exército romano ocorreu no final do verão de 43 EC. A invasão foi em resposta à repentina ascensão ao poder pela facção antirromana dos Trinovantes, após a morte de seu rei, Cunobelinus. Foi dada ao governador Aulo Plautius a tarefa de desembarcar suas forças sem que houvesse maiores oposições e derrotar os bretões. O comandante romano obteve sucesso na tarefa de derrotar os bretões e segundo o autor, depois disso, ele se espalhou e ocupou o restante das localidades da nova província¹⁹ sem dificuldade, exceto conforme ressalta Webster, pela forte resistência no sudoeste, que foi vencida pelo futuro imperador Vespasiano, que até então estava no comando da *Legio II Augusta* (WEBSTER, 2003, p. 13).

Segundo Hingley & Unwin, algumas das tribos da Britannia ficaram de imediato sob o controle direto do império romano quando seus líderes nativos cederam ou foram derrotados. Os autores salientam que alguns líderes resistiram com uma determinação bem particular, e um desses líderes resistentes foi Caratacus, supostamente teria sido um dos filhos de Cunobelinus e travou uma batalha contínua contra os romanos entre 43 e 51 EC. Segundo os autores, ele foi perdoado pelo imperador Cláudio após um discurso que estabeleceu o mito de Caratacus como um bárbaro valente e nobre (HINGLEY & UNWIN, 2005, p. 19).

¹⁹ Segundo Webster, a área que Roma selecionou para a criação da província na Britannia abrangia a região das terras baixas pois continham a maior parte das ricas terras agrícolas e as riquezas minerais até então conhecidas (WEBSTER, 2003, p. 13).

Em *Anais*, XII cap. 31, Tácito afirma que Publius Ostorius²⁰ estava enfrentando na Britannia um momento de turbulência, e que com isso decidiu negociar com os nativos de modo hostil. O escritor romano afirma que a primeira tribo a se opor às medidas que *Publius* queria implementar foram os Iceni, que segundo o romano, eram uma tribo muito poderosa e que não havia sido esmagada durante as batalhas, aliando-se aos romanos voluntariamente. Tácito evidencia que a pedido do líder dos iceni, tribos vizinhas os ajudaram selecionar para o campo de batalha uma região cercada por uma espécie de dique rural que impediria a cavalaria de transitar pelo local. *Ostorius* deu ordens para que o dique fosse rompido e deste modo, os inimigos foram apanhados dentro de uma barreira criada por eles mesmos. Segundo Tácito, os bretões, de consciência pesada por sua rebelião e com as rotas de fuga bloqueadas, realizaram muitas façanhas brilhantes, e nessa batalha, Marcus Ostorius, ganhou o prêmio de honra por salvar a vida de um cidadão. (TÁCITO, *Anais*, XII, 31).

No capítulo 32, Tácito afirma que:

Após a derrota dos Iceni, a calma prevaleceu entre os que hesitavam entre a guerra e a paz, e o exército foi liderado contra os Decangi²¹. Terras foram saqueadas, saques levados em todas as áreas, pois o inimigo não arriscaria a batalha [...] A essa altura, os romanos haviam alcançado um ponto não muito longe do mar, de frente para a ilha de Hibernia, quando problemas surgidos entre os Brigantes fizeram o comandante recuar, pois ele estava decididamente determinado a não empreender novas conquistas antes de consolidar ganhos anteriores (TÁCITO, *Anais*, XII, 32).

Ainda no capítulo 32, Tácito relata que os Brigantes foram pacificados quando os poucos que iniciaram as hostilidades acabaram sendo condenados à morte e os outros perdoados. No entanto, não houve punição cruel ou clemência que pudesse mudar os corações da tribo dos Silures²² e impedi-los de continuar a guerra, tiveram que ser suprimidos pela instalação de um acampamento legionário. Tácito afirma que para que isso pudesse ser efetuado de modo mais fácil, uma colônia composta por uma grande unidade de veteranos foi estabelecida nas terras conquistadas em Camulodunum. Isso viria a servir como uma força defensiva contra a rebelião e inspiraria o respeito pelas leis dos aliados (TÁCITO, *Anais*, livro XII, 32).

²⁰ Publius Ostorius Scapula foi cônsul em 59 EC, ele sucedeu Aulus Plautius na Britannia em 47 EC. Teria sido forçado a cometer suicídio sob o comando de Nero em 66 (TÁCITO, *Anais*, p. 468).

²¹ O nome é incerto (o manuscrito dá Cangi). Eles estavam localizados em North Wales (TÁCITO, *Anais*, p. 468).

²² Os Silures eram um povo do sul de Gales, sob a liderança de Caratacus, eles foram ferozes oponentes de Roma (TÁCITO, *Anais*, p. 523).

Após a instalação do assentamento de Camulodunum que buscava pacificar os bretões e ter utilidade em caso de rebeliões, Tácito afirma em *Anais*, XII, 33, que logo veio uma expedição contra os Silures que resistiam obstinadamente e confiavam plenamente no poder de Caratacus, que segundo o historiador romano, entre vários combates que teve, inúmeros foram bem sucedidos e essas batalhas teriam elevado o nível do bretão a um patamar acima dos outros comandantes das tribos. No entanto, Tácito ressalta que naquela ocasião Caratacus estava em desvantagem numérica²³ e precisou contar com a astúcia de um terreno traiçoeiro para obter vantagem contra o exército romano, transferindo então o embate para a terra dos Ordovices²⁴. O historiador romano afirma que ele assumiu o risco final por escolher para o local da batalha um terreno desfavorável para o exército romano e vantajoso para os bretões. Era uma área montanhosa com rochas que formavam uma muralha e antes daquele local corria um rio de profundidade variável com vários homens armados e posicionados diante das defesas (TÁCITO, *Anais*, XII, 33).

Tácito afirma que Caratacus durante os preparos para a batalha disparava de um lado para o outro e proclamando que aquela batalha e aquele dia dariam início ou à liberdade de seu povo ou à escravidão eterna. Segundo o escritor romano, ele chamava por seus ancestrais que haviam rechaçado César e que graças à sua coragem seus descendentes foram poupados dos machados e do pagamento de tributos, conseguindo manter suas esposas e filhos livres da violação. Enquanto ele fazia esses comentários, a multidão aplaudia e todos faziam juramentos em nome de seus deuses tribais prometendo que nenhuma arma ou ferimento seria capaz de fazer com que eles cedessem²⁵ (TÁCITO, *Anais*, XII, 34).

Tácito segue sua narrativa afirmando que os romanos perderam muitos homens em decorrência dos graves ferimentos e que após essas perdas partiram para

²³ Webster afirma que Caratacus tinha um apoio bem sólido do oeste e caso tivesse sido deixado sozinho, poderia se mover em direção as tribos do centro e do noroeste e também para tribos mais distantes onde os druidas ocupando a posição de sacerdotes e mediadores, já haveriam de ter espalhado sua fama para todas as tribos (WEBSTER, 2003, p.15).

²⁴ Conforme consta no Glossário da edição que usamos dos *Anais* de Tácito, os Ordovices eram um povo do centro e do norte do País de Gales (TÁCITO, *Anais*, p. 521).

²⁵ No início do capítulo 35, Tácito relata que todo esse fervor acabou surpreendendo o comandante romano. O rio que estava em seu caminho e as fortificações que foram acrescentadas o alarmaram. As altas montanhas também causaram alarme, assim como todo aquele cenário descrito pelo autor como sombrio erigido por forças de defesa. Mas afirma que os homens clamavam por batalha, diziam que tudo poderia ser vencido com coragem, prefeitos e tribunos intensificaram a chama das tropas com comentários parecidos. Ostorius após analisar o que seria e o que não seria possível, conseguiu atravessar o rio com facilidade (TÁCITO, *Anais*, XII, 35).

o combate corpo a corpo. O autor conta que após iniciado o combate, os bárbaros recuaram para as colinas. O historiador afirma que após os romanos avançarem contra os bretões, estes viram-se sob muita desordem devido sua falta de armaduras de couraças e capacetes. Tácito afirma que os romanos obtiveram uma vitória maravilhosa. A esposa e as filhas de Caratacus foram feitas prisioneiras e todos os seus irmãos se renderam (TÁCITO, *Anais*, XII, 35).

Caratacus foi até Cartimandua, rainha dos Brigantes, pedindo ajuda. No entanto, ela o traiu. Após acorrentá-lo a rainha o entregou ao Império Romano. Caratacus passou a ser conhecido por todas as províncias vizinhas e teria causado enorme curiosidade nos invasores, afinal, foram anos em batalha contra o exército romano. Tácito ressalta que mesmo em Roma, o nome de Caratacus não era desconhecido, e enquanto Cláudio procurava aumentar sua reputação, ele também acrescentou brilho ao homem bretão derrotado. O escritor romano evidencia que os prisioneiros possuíam um olhar de piedade, exceto Caratacus que na corte romana fez um discurso emocionado (TÁCITO, *Anais*, XII, 36). Caratacus diz:

Se em meus sucessos eu tivesse observado uma moderação tão grande quanto minha nobreza e posição, teria vindo para esta cidade como um amigo, em vez de um prisioneiro de guerra. Nem você teria objetado a aceitar em um tratado de paz um homem descendente de antepassados famosos, e um governante sobre muitas nações. Meu destino atual, degradante para mim, é glorioso para você. Eu tinha cavalos e homens, armas e riqueza. É surpreendente se eu não quisesse perdê-los? Pois se você quer ser o senhor do mundo, isso significa que o mundo deveria acolher a escravidão? Se eu fosse trazido para cá depois de uma rendição imediata, não teria havido fama ligada nem ao meu infortúnio nem ao seu grande sucesso. E o esquecimento seguirá minha execução, ao passo que se você me mantiver vivo, serei uma ilustração eterna de sua clemência²⁶ (TÁCITO, *Anais*, XII, 37. Tradução nossa).

Não sabemos ao certo se esse discurso realmente foi proferido por Caratacus, pois precisamos entender que ainda que o rei bretão tenha sido tratado como um bárbaro de postura mais nobre por Tácito, ainda assim ele era um bárbaro, portanto, esse discurso pode ter sido colocado na narrativa para enfatizar a “bondade” romana ao perdoá-lo após um discurso em que o rebelde reconheceria que deveria ser deixado vivo para mostrar a todos que havia clemência por parte do Império. Esses

²⁶ Segundo Tácito, em resposta a esse discurso, Claudio concedeu ao rei bretão, sua esposa, irmãos e filhas. Foram então libertados de suas correntes e prestaram homenagens a Agripina assim como prestaram á Claudio. Tácito ressalta ainda que era novo e fora de sintonia para as tradições antigas uma mulher se sentar diante dos padrões romanos (TÁCITO, *Anais*, XII, cap. 37). Tradução nossa.

discursos tendem a ser ficcionais para tornar a narrativa mais interessante para a sua audiência, pois esses escritos eram lidos para as pessoas em voz alta, era uma leitura pública. E se observarmos bem, percebemos que é uma fala bem romana, não parece ter vindo de um líder bretão²⁷.

A revolta liderada por Boudicca causa ainda mais estranheza aos olhos que a liderada por Caratacus. Ao analisarmos as descrições dos autores romanos sobre os levantes liderados pelos dois bretões, nos é perceptível que a revolta da rainha icena é descrita de modo mais bestial e dotado de extrema barbárie. Apesar do rei bretão ser um bárbaro, ele era homem, assim não havia tanta bestialidade e desonra ao se referir à sua liderança. Já com a guerreira bretã que comandava os iceni, o tratamento dos autores é bem menos modesto, tomando a liderança da rainha como bárbara e brutal. Um tratamento parecido ao recebido por Boudicca é o recebido por Cartimandua²⁸, no entanto, o da rainha dos Brigantes tem a questão da traição²⁹ com Caratacus como uma lição de “porquê não podemos confiar em mulheres em posições naturalmente masculinas”. Conforme a afirmação reiterada anteriormente, o estranhamento romano era causado exatamente pela diferença cultural, social e política entre Roma e a Britannia, pois a mulher romana permanecia alijada dos instrumentos de poder. A alteridade expressada pela liderança feminina é a principal explicação para a atribuição de um sentido bestial por parte dos romanos.

1.4. O conceito de bárbaro

A compreensão da ideia de bárbaro é fundamental para que tenhamos um melhor entendimento sobre o levante liderado por Boudicca. Segundo Robert Beeks em sua obra “Dicionário Etimológico de grego” o termo βάρβαρος é de origem grega e significa “não grego” sendo deste modo, um adjetivo para incivilizado, comparativo de βαρβαροφωνος, que significa “aquele de língua estrangeira”. Beeks evidencia que essa derivação com a repetição *barbar*, seria uma formação onomatopaica reduplicada que em seu sentido original se referia à língua do estrangeiro com dificuldade de dicção, que gagueja ou que possui uma fala entrecortada (BEEKES,

²⁷ Nic Fields afirma que aparentemente, Caratacus era o guerreiro pensante, sendo assim um guerreiro “raro”. (FIELDS, 2011, p.6).

²⁸ Tácito afirma que quando Cartimandua vencia um confronto, o inimigo era tomado por uma imensa vergonha por ter sido submetido ao poder de uma mulher (TÁCITO, *Anais*, XII, 40) Tradução nossa.

²⁹ Renato Pinto afirma que Cartimandua entrou para a História como uma mulher traiçoeira e antinacionalista (PINTO, 2011, p.149).

2010, p. 201). Portanto, “bárbaro” era o termo usado pelos gregos para se referirem aos estrangeiros, aos não falantes da língua grega e aqueles cuja língua materna não era o grego.

Tzvetan Todorov em sua obra *“O Medo dos Bárbaros- Para além do choque das civilizações”* traça o perfil do bárbaro. Segundo o autor, na Grécia Antiga o termo tinha um uso comum na sociedade, em particular após a guerra contra os persas. Todorov evidencia que era utilizado em oposição a um outro vocábulo e, concomitantemente, eles permitiam uma divisão populacional mundial em duas partes iguais: os gregos sendo portanto o “nós” e os bárbaros, ou seja, “os outros”, estrangeiros. O filósofo esclarece que para ser possível o reconhecimento da filiação ao primeiro ou segundo grupo, faziam referência às questões do domínio da língua grega, sendo assim, os bárbaros eram aqueles que não compreendiam e não falavam a língua grega, e quando falavam, faziam-se de modo incorreto (TODOROV, 2010, p.24-25).

Todorov afirma que a diferenciação entre os que compreendem e os que não compreendem nossa língua não se trata de exprimir um julgamento, mas proporcionar uma informação útil. No entanto, o autor enfatiza que o que ocorre é que foi atribuído a esse procedimento um segundo sentido e lhe foi empregado um juízo de valor, deste modo, a oposição bárbaros/gregos foi duplicada da oposição em uma primeira abordagem entre “selvagens” e “civilizados”. Todorov enfatiza que a selvageria do bárbaro não possui uma definição precisa, as informações obtidas em diversos documentos nem sempre coincidem entre si, mas afirma que é possível deduzir um conjunto de características que são convergentes e sugestivas. O linguista faz a seguinte análise acerca das informações que temos sobre os bárbaros:

a) Os bárbaros são aqueles que transgridem as leis fundamentais da vida comunitária[...] b) Os bárbaros são uma verdadeira ruptura entre ele próprios e os outros homens. Até mesmo Estrabão apresenta os gauleses como bárbaros porque, de acordo com sua afirmação, eles têm o costume que “consiste em suspender ao pescoço dos cavalos, ao voltarem da batalha, as cabeças dos inimigos que, em seguida, são pregadas nas portas das casas. [...] Há quem mencione, também, a prática de várias formas de sacrifício humano entre eles. Por extensão, aqueles que recorrem, sistematicamente, à violência e à guerra para resolver seus desacordos são considerados como aparentados à barbárie (TODOROV, 2010, pg. 25-26).

Pegando esse exemplo de ao voltarem das batalhas cortarem e exporem a cabeça de seus inimigos, conseguimos ver algo parecido com isso na batalha liderada

por Boudicca, em que as cabeças dos inimigos eram empaladas em lanças e também quando o exército da rainha iceni que lutava contra os romanos decepavam os seios das mulheres e colocavam-nos em suas bocas, os romanos viam esse ato como algo de extrema barbárie e hostilidade.

Outra característica traçada por Todorov a respeito dos bárbaros é:

d) Os bárbaros são aqueles que vivem em famílias isoladas em vez de se agruparem nos habitats comuns ou, melhor ainda, em vez de formarem sociedades regidas por leis adotadas em comum. Os bárbaros encontram-se do lado do caos e do arbitrário; eles não conhecem a ordem social (TODOROV, 2010, p. 26).

Podemos afirmar que essa característica não cabe ao bretões, por exemplo, já que eles viviam em tribos que formavam uma pequena sociedade que formavam então uma pequena comunidade que era sim regida pelas normas de cada líder e seguida pelos habitantes daquele território.

Christopher A. Snyder afirma que é crucial para a crítica antropológica dos celtas a construção greco-romana do "Outro". Snyder evidencia que quando autores gregos e romanos usam rótulos como celtas e bretões, eles acabam ignorando a diversidade tribal ou regional existente entre esses povos a fim de contrastar para seus leitores o que ele chama de bárbaros exóticos/incivilizados com os povos mediterrâneos familiares/civilizados (SNYDER, 2003, p.3).

Agora que vimos o conceito de bárbaro em sua origem grega, veremos como este termo era percebido e visto pelos romanos.

Conforme afirma a professora Semíramis Corsi Silva, do modelo de bárbaro de Homero e Heródoto, essas representações do outro que era chamado de bárbaro foram sendo estendidas para todos aqueles que fossem dissemelhantes da cultura grega e romana, como segundo a autora, podemos encontrar em obras de escritores do período imperial. A historiadora traz Tácito com sua obra *Germânia* como exemplo. Enfatiza que bárbaros (que ela chama de gentes *barbarorum*) passam a ser no geral aqueles que não compartilhavam da *παιδεία*³⁰ grega e/ou da *humanitas* latina (SILVA, 2017, p. 123).

Segundo Paul Veyne, *humanitas* significa uma cultura literária, virtude humana e estado de civilização (VEYNE, 2019, p. 549). Semíramis Corsi Silva

³⁰ Paideia.

evidencia que esta ideia de *humanitas*³¹ era, portanto, oposta à *ferocitas*, que é o estado considerado de barbárie (SILVA, 2017, p.123). Veyne notabiliza que Tácito se preocupou em descrever os afloramentos bárbaros. O autor evidencia que a palavra bárbaro sofreu uma mudança de significado, já não significava "estrangeiro", segundo ele, estes estrangeiros passaram a ser os "selvagens", *“cujas ondas vêm rebentar contra os diques do Império, que se funde com a civilização helênica mundial”* (VEYNE, 2019, p. 573).

Jakub J. Grygiel afirma que a visão romana do termo bárbaro se diferenciava da grega, pois permitia a possibilidade de regras e leis passarem a ser estendidas às tribos periféricas do mundo romano. Afirma ainda que atribuir todos os tipos de características indesejáveis e inumanas a esses grupos de “selvagens” justificava a cruel conquista dessas tribos (GRYGIEL, 2018, p. 49). Sobre essas conotações pejorativas empregadas ao termo bárbaro, o autor argumenta que:

Essas conotações negativas atribuídas ao termo “bárbaros”, no entanto, obscureceram o conceito original subjacente. É simplesmente uma tentativa de distinguir dois modos de vida diferentes. Uma é a maneira civilizada de organizar a vida social, literalmente, nas cidades. Civilização é a vida política de comunidades assentadas que se organizam em cidades e estados. A fim de instilar ordem em tal grupo social, as leis precisam ser escritas e administradas de acordo com padrões racionais objetivos; daí a conexão entre a razão por meio do discurso e a ordem política por meio de leis. Quando a fala se torna impossível porque, por exemplo, o significado das palavras é pervertido, a ordem política desmorona. O modo de vida bárbaro é o estilo de vida fora das cidades, liderado por grupos que estão instáveis e precisam apenas de parentesco e laços de sangue para mantê-los unidos (GRYGIEL, 2018, p. 49-50).

Grygiel destaca que os bárbaros possuíam três características bem amplas, características essas que os diferenciavam dos demais estados e comunidades estabelecidos. Segundo o autor:

Primeiro, cada grupo de bárbaros era relativamente pequeno, mas tendia a haver vários grupos desafiando o estado ao mesmo tempo. Em segundo lugar, eles eram altamente móveis. Terceiro, eles foram organizados de forma altamente descentralizada como um amálgama de diferentes famílias e clãs (GRYGIEL, 2018, p. 50).

³¹ Semíramis evidencia que *“Paideia/Humanitas era a forma de diferenciação na sociedade imperial romana, dividida entre educados (honestiores) e ignorantes (humiliores) (ANDERSON, 1989: 105), ou no grego: instruídos (παιδευμένοι – pepaideumēnoi) e não instruídos (ἰδιῶται – idiotai ou ἀπαιδευτοί – apaideutoi, aquele que não recebeu a paideia)”* (SILVA, 2017, p. 123).

Conforme afirma Grygiel sobre os grupos de bárbaros serem pequenos, ele afirma que:

Primeiro, cada grupo de bárbaros, fossem os godos no final da Antiguidade ou os comanches no século XIX, tendia a ser mais fraco do que as forças do império que enfrentava. Os bárbaros geralmente não controlavam vastos recursos e raramente podiam enviar grandes exércitos capazes de travar uma guerra frontal com as forças imperiais (GRYGIEL, 2018, p. 50).

Grygiel destaca que o tamanho de muitos desses grupos debatido frequentemente porque não temos informações definitivas sobre a maioria deles. Ele ressalta que a história foi escrita principalmente pelos impérios atacados, não pelos bárbaros invasores. O autor destaca que Marco Polo, por exemplo, afirmou que os exércitos mongóis estavam perto de 650.000, um número que se tende acreditar que está errado. Ele salienta que em parte, os historiadores antigos exageraram os números para aumentar a honra dos defensores imperiais, pois a glória estava diretamente relacionada com o tamanho de seus inimigos. Mas Grygiel ressalta que os números também eram considerados grandes simplesmente porque esses bárbaros eram considerados uma grande ameaça ao estilo de vida das comunidades estabelecidas, eles assomavam mais nas mentes das populações civilizadas do que na realidade³² (GRYGIEL, 2018, p. 50).

Grygiel diz que é plausível argumentar que o tamanho dos grupos bárbaros individuais era relativamente pequeno, observando duas de suas características:

Primeiro, a maioria dos grupos bárbaros, mesmo os maiores, como os hunos ou os mongóis, tendiam a se envolver em ataques ou, o que agora chamamos de guerra de guerrilha, em vez de buscar massivas batalhas frontais. Eles adotaram conscientemente um estilo de luta de guerra que se baseou em suas vantagens (mobilidade e conhecimento topográfico, entre outras), mas também reconheceu sua relativa fraqueza. Os grupos bárbaros não podiam correr o risco de uma grande batalha porque uma perda provavelmente teria sido catastrófica para eles. Em outras palavras, eles procuraram minimizar suas baixas em parte porque não tinham grandes reservas de mão de

³² Grygiel afirma que também é complicado calcular a força de trabalho efetiva dos bárbaros pois eles poderiam dominar uma grande proporção de sua população do que das comunidades assentadas. Segundo ele, inúmeros grupos bárbaros, na verdade, comportavam grande parte de sua população masculina armada, em vez de ter um exército semiprofissional como era com os impérios ou estados. Segundo o autor, eles se engajaram em uma versão pré-moderna do recrutamento em massa. E nos momentos que estavam em movimento durante a migração, muitas vezes viajavam com toda a população, o que confundia ainda mais qualquer pessoa que tentasse estimar seu número. Júlio César, por exemplo, conforme ressalta Grygiel, em seu primeiro confronto na Gália teve que enfrentar a tribo helvética que havia deixado seu território após ter queimado suas aldeias e campos (GRYGIEL, 2018, p. 51).

obra como os estados que visavam, eles escolheram táticas de bater e fugir reconhecendo sua fraqueza. A segunda razão pela qual é possível supor que seu número era relativamente baixo era sua mobilidade, uma característica que será examinada posteriormente. Mas aqui quero salientar que, para ser móvel, um grupo precisava ter um apoio logístico eficiente ou ser pequeno o suficiente para sobreviver da terra³³ (GRYGIEL, 2018, p. 51-52).

A respeito da segunda característica referente aos bárbaros serem altamente móveis, Grygiel afirma que muitos casos, eles levaram um estilo de vida pastoril e nômade e, em determinados períodos como, por exemplo, o final do século IV, eles migravam em grande número. Ele ressalta que sua mobilidade e natureza instável era a característica mais visível, responsável também por torná-los temíveis para as comunidades civilizadas, ou seja, assentadas. Para Grygiel, o fato de os bárbaros serem vistos como vivendo de constante movimento, pouca quantidade de bens fixos para defender e com todas as suas energias voltadas para a ofensiva, os tornava temidos por aqueles que não tinham esse mesmo estilo de vida (GRYGIEL, 2018, p. 53)³⁴.

Mobilidade, para Grygiel significava que as projeções bárbaras de poder eram pequenas, mas rápidas e profundas em lugares inesperados ao longo da fronteira. O modo de guerra bárbaro consistia em atacar, em vez de conquistar. Um ataque tem um alvo, um período de tempo e um efeito que são diferentes das guerras de conquista (GRYGIEL, 2018, p. 54). É como vemos nos relatos do levante liderado por Boudicca, os bretões atacavam os assentamentos, saqueavam os bens, matavam, mas não tinham o interesse na conquista, e no caso da rainha icena em específico, a motivação principal era a vingança.

Por fim, sobre sua estrutura organizacional descentralizada, Grygiel ressalta que essa é talvez a característica mais complicada de se descrever e analisar por causa do conhecimento muitas vezes mínimo que temos desses grupos. Pois precisamos nos recordar que a história foi escrita por historiadores de impérios civilizados e não por bárbaros em movimento. No entanto, o vislumbre que podemos

³³ Sobre essas características, Grygiel afirma que os bárbaros geralmente careciam da primeira e, sendo assim, eram dependentes quase que exclusivamente da comida e da forragem que era fornecida pelos territórios que cruzavam. Tinham portanto um número limitado pelo que os campos localizados ao longo de seu caminho eram capazes de sustentar. Ele traz que uma forma de estimar seu tamanho é medir o número de pessoas e, em particular, cavalos que uma determinada região poderia alimentar (GRYGIEL, 2018, p. 52).

³⁴ Grygiel ressalta que a alta mobilidade desses grupos foi possibilitada por dois fatores: sua estrutura organizacional e a sua grande habilidade na equitação (GRYGIEL, 2018, p. 53).

captar na literatura histórica de como os bárbaros eram organizados aponta para uma estrutura descentralizada com base na afiliação tribal. Trazendo para termos mais modernos, Grygiel afirma que os grupos bárbaros são redes de tribos, em vez de políticas estruturadas hierarquicamente com esferas administrativas claramente delimitadas. Bárbaros organizados como confederações compostas por pequenas unidades, cuja lealdade era, primeiramente, ao clã ou família e, em segundo lugar, ao bando maior (GRYGIEL, 2018, p. 56).

Grygiel diz que a principal razão para essa estrutura organizacional descentralizada era em decorrência da mobilidade e, portanto, a natureza não territorial dos bárbaros (GRYGIEL, 2018, p. 57). Mas se pegarmos o caso dos bretões, por exemplo, entre eles, nas tribos havia a figura da realeza, como é o caso dos iceni, que tinham Prasutagus como rei e após sua morte, Boudicca governando.

Podemos então entender que para os romanos que viviam naquele período da Roma Clássica, o bárbaro era aquele que não possuía os costumes romanos, não adorava os mesmos deuses e nem eram cidadãos romanos. Pelo fato de na sociedade celta os costumes incluírem sacrifícios para suas divindades, não fazerem distinção de sexo de seus líderes (TÁCITO, *Vida de Agrícola*, XVI, 1.1), esses povos sofriam com essa estereótipo do bárbaro em sua identidade e costumes. É perceptível que tanto autores gregos quanto autores romanos fazem uma descrição um tanto quanto padronizada dos celtas enquanto bárbaros e essa descrição permeou-se ao longo dos tempos. O “outro” sempre era descrito com um exagero em suas ações e até mesmo na aparência física, alguns elementos até são reais, no entanto, não devemos basear a imagem construída do outro apenas pelos relatos romanos. Como entre os celtas havia o costume da cultura oralizada (BÉLO, 2014, p.43), para conhecermos melhor de seus costumes e aparência, é bom termos o auxílio da arqueologia para irmos tentando delimitar até que ponto a narrativa romana a respeito deste outro era verídica. Identificamos nas descrições que são as diferenças referentes ao ideal de civilização por parte do grego e do romano que são evidenciados nos escritos clássicos. Na narrativa acerca das conquistas romanas e gregas sempre era evidenciado que havia aqueles que eram nobres e civilizados e seguiam as normas de civilidade vs os bárbaros selvagens.

Compreendendo melhor quem eram os Icenis e seus aliados, de que modo se deu essa conquista romana da Britannia e o possuindo melhor quem eram os bárbaros e o que se pensava sobre os bárbaros na Antiguidade, podemos partir para

as descrições de Boudicca na narrativa de Tácito e Dion Cássio e de que modo a rainha e seus aliados foram retratados por esses historiadores.

Segundo Capítulo: Representações de Boudicca

Tácito e Dion Cássio representam Boudicca de diferentes formas, o que causa segundo Gillespie, uma dicotomia central nas representações da rainha (GILLESPIE, 2018, p.1-2). Gillespie salienta que enquanto Tácito evidencia em sua narrativa a glória da mulher guerreira e celebra sua maternidade, lutando pela liberdade, a imagem que Dio nos apresenta é mais sensacionalista, destacando sua aparência não romana e que foge aos padrões romanos de feminilidade e a brutalidade de suas ações (GILLESPIE, 2018, p.1). Como salienta Gillespie, descobertas arqueológicas sobre os bretões que incluem adereços e até mesmo carroças, nos permitem ir preenchendo algumas lacunas nos detalhes sobre a vida e a época de Boudicca. Mas a historiadora ressalta que muitas questões ainda permanecem. Deste modo, as representações de Boudicca em Tácito e Dion Cássio, e todas as evidências arqueológicas que possuímos do início da *Britannia* romana, nos dão inúmeras impressões de Boudicca como uma mulher poderosa que viveu o final da Idade do Ferro e do início da Britannia romana (GILLESPIE, 2018, p. 1-2).

Bélo reforça que esses dois autores romanos mencionavam em suas obras que os eventos do levante de Boudicca teriam ocorrido no primeiro século da era comum, por volta dos anos 60 e 61 EC., durante as incursões do Império Romano na ilha da Britannia. Afirmam que ela havia sido uma rainha bretã da tribo dos iceni, casada com o rei Prasutagus e que liderou um exército contra o exército romano. Contudo, a historiadora destaca que essas informações que possuímos decorrem do mundo mediterrânico, o que resultou na apresentação de apenas um lado da argumentação a respeito da história da guerreira celta. Bélo recorda que os bretões não deixaram nenhuma documentação escrita, portanto, não temos seu ponto de vista na atualidade (BÉLO, 2014, p. 43).

O fato de Boudicca ter sido uma mulher liderando um exército e governando uma tribo é abordado pelos autores, como veremos no decorrer do capítulo. Tácito além de mencionar que os bretões não distinguiam seus líderes pelo sexo, também traz em seus escritos outra mulher que em determinado momento ocupou uma posição de liderança entre os bretões, essa mulher era Cartimandua, rainha dos Brigantes (BÉLO, 2018, p.43).

Hingley & Unwin salientam que de acordo com as fontes literárias romanas, Boudicca é um dos vários líderes nativos que lideraram oposição, revoltas ou rebeliões contra o domínio romano nos primeiros anos do império romano. Segundo os historiadores, os líderes nativos mencionados incluem Viriato na Península Ibérica, Vercingetorix na Gália, Civilis e Arminius (Herman) na Germânia e Carataco na Britannia (HINGLEY & UNWIN, 2006, p. 16; BÉLO, 2014, p.2). Mas Boudicca foi a primeira mulher a estar à frente de uma insurreição contra o Império Romano.

É salientado por Bélo que o tipo de escrita de Tácito e Dion Cássio na Antiguidade tinha como função principal contar aos romanos os grandes feitos do império de um modo mais abrangente por meio dessas narrativas. A historiadora destaca que os romanos faziam parte de uma sociedade que não estava habituada a ver uma mulher governando, menos ainda comandando uma guerra. A rainha bretã se tornou ao longo do tempo uma figura polêmica que inspirou o patriotismo e as discussões de gênero acerca dos papéis atribuídos às mulheres no mundo antigo (BÉLO, 2014, p. 45-46).

2.1. Boudicca na narrativa de Tácito

Tácito é um dos autores das fontes que nos fornecem um dos relatos mais completos sobre a rainha icena. As obras *Anais* e *Vida de Agrícola* são nossas primeiras fontes documentais que trazem a rainha Boudicca em sua narrativa. Segundo Bélo, Públio Cornelio Tácito nasceu por volta de 54 EC e morreu em meados de 117 EC. O local de seu nascimento provavelmente tenha sido a região da Gália Narbonensis, ao sul da França, na cidade de Vasio. Segundo Bélo, “A obra *A Vida de Agrícola* faz parte de um volume maior dos registros de Tácito, que ainda inclui *Histórias e os Anais*” (BÉLO, 2014, p. 53-54; JOHNSON, 2012, p. 39). Segundo Marguerite Johnson, Tácito foi um senador que ascendeu a cônsul em 97 EC e depois ocupou um extenso governo provincial na Ásia. Segundo a autora, ele é mais conhecido como o maior historiador do início do Império Romano (JOHNSON, 2012, p. 39).

Marguerite Johnson afirma que Tácito escreveu principalmente para a classe senatorial e estava ciente da necessidade autoimposta de incorporar em seus escritos as contribuições inglórias e gloriosas individuais dos homens nos acontecimentos que constituíram a história romana. Ele é segundo a historiadora australiana, um moralista, um representante particular do que ela chama de bravura viril e da *libertas*, que

segundo ela, é a liberdade e o direito do homem livre se envolver em negócios públicos, sendo assim, particularmente nos *Anais*, Tácito é atraído a não registrar somente a história do sistema imperial romano mas abrangendo seus registros para a Britannia e também para os mecanismos internos da corte romana. Conforme afirma a autora, Tácito explora em suas narrativas as ações e os indivíduos através da ideia de que a história deve atuar de modo que as boas ações sirvam de inspiração e as más de desencorajamento (JOHNSON, 2012, p. 39; BÉLO, 2014, p.54). Taís Pagoto Bélo ressalta que o escritor romano utilizou com frequência a questão das rebeliões para explorar melhor o assunto referente ao colonialismo e governança, isso fez com que sua narrativa fosse algo próximo de uma autobiografia em razão de sua forma de pensar (BÉLO, 2014, p. 54; Aldhouse-Green, 2006).

A obra *Vida de Agrícola* é um escrito do gênero *laudatione funebres*, ou seja, trata-se de uma obra póstuma, escrita por volta de 98 EC, na qual Tácito retrata a vida do general romano que também é seu sogro *Gnaeus Julius Agricola*, a obra também cobre de modo superficial a geografia e a etnografia da antiga Britannia romana. A narrativa apenas menciona Boudicca nos momentos no qual o tema levantado é a questão das batalhas que ocorriam no território bretão. Boudica é mencionada nessa obra entre os capítulos XIV e XVI (BÉLO, 2014, p. 55; PETERSON, 1914).

No capítulo XIII, Tácito menciona que os próprios bretões haviam se submetido ao recrutamento, ao pagamento dos impostos e demais obrigações que lhes foram impostas pelo império, desde que não houvesse abusos e opressões. E até aquele momento, os bretões estavam em um momento de dever obediência ao império mas ainda não eram escravizados. Segundo o escritor romano, após um tempo no qual a invasão da Britannia havia sido de certo modo levada de uma maneira mais branda, Cláudio decidiu renovar a tentativa de uma incursão naquele território, mandou suas legiões para esta tarefa, o que resultou em reis presos e pagãos domesticados (*Vida de Agrícola*, XIII, 1-4). Caitlin Gillespie afirma que Boudicca ainda era adolescente quando presenciou essa invasão (GILLESPIE, 2018, p. 35).

No decorrer dos capítulos XIV e XV, Tácito afirma que Suetonius Paulinus³⁵ obteve dois anos de sucesso durante sua liderança nas invasões das terras bretãs, mas que na medida em que os soldados romanos iam se tornando mais violentos, os

³⁵ Segundo Marguerite Johnson, Suetonius Paulinus foi nomeado governador da britannia em 58-59 EC. No ano de 61 EC, atacou a ilha de Mona (Anglesey). Ele foi também o responsável por liderar as forças romanas que derrotaram Boudicca (JOHNSON, 2012, p. 13).

bretões passaram a questionar os males de sua submissão, o que resultou em um sentimento de grande descontentamento e raiva com a opressão romana ocasionando sua insurreição (TÁCITO, *Vida de Agrícola*, XIV-XV). Bélo salienta que ao descrever as batalhas contra os bretões ainda no capítulo XV, o escritor romano chama aqueles povos de covardes e ressalta que eles lutavam motivados apenas pelo sentimento de rebeldia misturado à ganância, já os soldados romanos lutavam por suas famílias (BÉLO, 2014, p. 59; TÁCITO, *Vida de Agrícola*, XV). Podemos perceber que há na narrativa de Tácito uma tentativa de inferiorizar a motivação da luta dos bretões, como se o fato de estarem se rebelando contra todos os abusos de cobranças e violações aos corpos fosse um motivo inferior ao dos romanos que estavam ali os escravizando, violentando e roubando com a justificativa de que faziam por suas famílias.

É no capítulo XVI que o nome de Boudicca finalmente aparece em seus relatos. Tácito se refere à Boudicca como uma *generis regii femina duce* (TÁCITO, *Vida de Agrícola*, XVI, sç.1), ou seja, uma líder mulher de ascendência real, ressaltando ainda que os bretões não faziam distinção de sexo entre seus comandantes. O escritor diz que a líder bretã instigou aqueles que estavam sendo oprimidos, a pegarem em suas armas e lutarem, e que motivados por sua comandante, os guerreiros invadiram assentamentos, perseguiram soldados romanos e se apoderaram das comunidades que ali viviam para se verem livres da escravidão e dos abusos, tomados por uma grande selvageria e barbárie (*Vida de Agrícola*, XVI, 1). Conforme salienta Bélo, o autor diz neste capítulo que Boudicca liderava os Brigantes, ele não menciona os iceni. Tácito ainda deixa explícito em sua narrativa que por terem uma mulher os liderando, jamais obteriam sucesso em batalha (BÉLO, 2014, p. 59; TÁCITO, *Vida de Agrícola*, XVI)³⁶. É como se para o autor o fato de ser uma mulher liderando a batalha fosse um sinal iminente de fracasso e barbárie.

Já na obra *Anais* de Tácito, temos uma descrição mais detalhada a respeito da batalha liderada por Boudicca. Sobre essa obra, conforme afirma Juliana Bastos

³⁶ Tácito diz: “Estimulado por um encorajamento mútuo desse tipo, com Boudicca, de linhagem real, uma mulher, como líder, pois os bretões não distinguem os sexos na escolha dos comandantes, todo o povo lançou uma guerra. Perseguindo os soldados dispersos entre os fortes e tomando suas defesas de assalto, eles irromperam na própria colônia, que viram como a sede de sua escravidão. Nenhuma forma de selvageria comum aos bárbaros foi omitida: eles ficaram furiosos e venceram. Se Paulinus não tivesse vindo rapidamente em seu socorro, assim que soube do levante na província, a Britannia estaria perdida. Uma única batalha bem-sucedida restaurou sua antiga submissão. Mas muitos mantiveram suas armas. Eles foram influenciados pela consciência de sua culpa como rebeldes e por seu medo pessoal do legado, no caso de este homem excelente tomar medidas arrogantes contra aqueles que se renderam e punir todas as ofensas com severidade indevida, como se fosse um crime pessoal afronta” (TÁCITO, *Vida de Agrícola*, XVI).

Marques, os textos chegaram até nós de forma bastante fragmentada e teriam sobrevivido até a atualidade os livros do I ao IV, metade do livro XI, do XII até a metade do livro XVI, conforme aponta a autora, ainda que seja uma obra fragmentada, possuímos narrativas sobre quase todo o período do governo de Tibério³⁷ com exceção do período do apogeu e a queda do prefeito da guarda pretoriana, Sejano. Do livro I ao IV, temos relatos sobre os anos finais de Cláudio presentes no livro XI. Os demais fragmentos que encontramos do livro XII ao XVI trazem escritos sobre o principado de Nero, indo dois anos antes de seu fim. Marques afirma que por não termos o fim do principado de Nero e nem os relatos sobre o governo de Calígula, torna-se difícil entender como se deu a progressão da narrativa de Tácito, pois no período entre Nero e Tibério houve uma mudança significativa em estilo e temas (MARQUES, 2010, p. 45). Marques afirma que é possível compreender os *Anais* através da sucessão Tibério-Cláudio-Nero como sinalizadora de uma gradativa decadência política e moral³⁸ (MARQUES, 2010, p.47).

O livro dos *Anais* que nos interessa é o livro XIV, pois é nele que Tácito traz Boudicca para sua narrativa. De forma mais específica, é no capítulo 31 que o autor introduz os relatos sobre a rainha icena. Nessa parte do livro, o período retratado é do principado de Nero e o momento das invasões da Britannia. O autor fará um levantamento de como está o processo de tomada das terras bretãs e sobre a rebelião de Boudicca. Em sua narrativa dará ênfase não na bárbara guerreira, mas sim na mulher, mãe e esposa que a rainha bretã era em seu meio social. Tácito também traz um pouco da religiosidade de Boudica, mas isso é apenas mencionado, não há uma imersão no assunto.

Conforme salienta Bélo, antes de descrever o confronto da guerreira bretã com o exército, Tácito faz uma breve menção à investida romana à ilha de Mona, localizada a oeste do País de Gales e detentora de um legado que remonta à Idade da Pedra. A ilha é segundo a historiadora, o coração do druidismo (BÉLO, 2014, p. 61). De acordo com Tácito e conforme aborda a historiadora Taís Pagoto Bélo, a ilha

³⁷ Foi parte da dinastia Julio-Claudiana. Foi o sucessor do seu padrasto, o imperador César Augusto.

³⁸ Marques afirma que nos *Anais* é possível entender a caracterização dos personagens como uma maneira de destacar uma determinada sucessão decadente. Segundo a autora, os elementos de resistência que estão presentes a partir da construção de personagens secundários, remetem-se a um ideal de virtude que já não é mais realizável no Principado. Marques evidencia que o traçado Tibério-Cláudio-Nero, ainda que seja falho pela ausência de Calígula, traz indícios evidentes dessa evolução do Principado para Tácito. Tibério é cruel, mas é eficiente; Cláudio não é de fato cruel, mas é parvo; já Nero além de ser cruel, também é incapaz de governar (MARQUES, 2010, p.54-55).

de Mona estava povoada e acolhia muitos refugiados (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 29; BÉLO, 2014, p.62). De acordo com Bélo, pode ter sido ou não coincidência, mas esse ocorrido na ilha ocorreu simultaneamente a destruição dos assentamentos romanos por Boudicca e seus aliados. Bélo afirma que essa coincidência teve significado especial para as primeiras vitórias dos bretões (BÉLO, 2014, p.62).

No capítulo 30, Tácito relata referente a esse episódio em Mona que:

Diante deles na praia estava a linha inimiga, uma densa gama de armas e homens, e entre eles corriam mulheres que, como fúrias, usavam roupas fúnebres, tinham cabelos desgrenhados e brandiam tochas. Ao redor estavam Druidas, (com suas mãos levantadas para o céu, derramando maldições terríveis) e o espetáculo extraordinário infundiu tanto medo nos homens que eles apresentaram seus corpos imóveis às armas inimigas, como se seus membros estivessem paralisados. Então, encorajados por seu comandante, e incitando uns aos outros para não se alarmarem com uma horda de mulheres fanáticas, eles avançaram, derrubando aqueles em seu caminho e envolvendo-os em suas próprias chamas. Uma guarnição foi imposta ao inimigo derrotado depois disso, e os bosques sagrados para suas superstições bárbaras foram cortados (pois eles consideravam moralmente aceitável fazer seus altares cheirar a sangue de prisioneiros e consultar os deuses com as entranhas dos humanos). Enquanto Suetônio estava assim engajado, ele recebeu a notícia de um repentino levante da província (TÁCITO, *Anais*, XIV, 30).

É no capítulo 31 que o historiador romano faz sua primeira menção à guerreira icena, líder do levante mencionado por Tácito anteriormente no capítulo 30:

Prasutagus, rei dos Iceni, famoso por sua longa prosperidade, havia deixado como herdeiros o imperador e suas duas filhas, acreditando que tal submissão colocaria seu reino e sua casa fora do alcance do mal. Mas o inverso foi o resultado, tanto que seu reino foi saqueado por centuriões, sua casa por escravos, como se fossem despojos de guerra. Primeiro, sua esposa Boudicca foi açoitada e suas filhas ultrajadas. Todos os chefes dos Iceni, como se tivessem recebido todo o país como um presente, foram despojados dos bens e deixados de lado e os parentes do rei foram feitos escravos. Movidos por essa humilhação e pelo medo do pior (já que haviam sido formalmente transformados em província), os Iceni pegaram em armas. Eles também incitaram os Trinovantes a se juntarem à revolta, junto com outros povos que, ainda não quebrados pela opressão, se aliaram pelo ódio aos veteranos. Estes haviam sido recentemente colonizados na colônia de Camulodunum, e expulsaram seus habitantes de suas casas e de suas terras, chamando-os de "prisioneiros de guerra" e "escravos". Os soldados comuns também encorajavam a ilegalidade dos veteranos, seu modo de vida era semelhante, e eles esperavam a mesma falta de controle sobre si mesmos. Além disso, um templo erguido para o Deificado Cláudio estava diante dos olhos dos nativos como um ponto focal de tirania sem fim, e os homens escolhidos como seus sacerdotes estavam despejando fortunas inteiras em nome da religião. E eliminar uma colônia cercada por fortificações não parecia

uma tarefa difícil, já que nossos comandantes, prestando mais atenção à estética do que à utilidade, tomaram muito pouca precaução a esse respeito (TÁCITO, *Anais*, XIV, 31).

Observamos neste capítulo que Boudicca é referida pelo escritor romano apenas como a esposa do rei, não há até esse momento uma referência à guerreira como comandante ou rainha. Tácito ressalta no decorrer do capítulo que o rei buscando proteger suas filhas e tribo, tornou-se aliado do Império Romano, que pretendia tomar as terras da *Britannia*, se aliando aos inimigos. A ideia do rei era de que o fato de ser aliado tornaria o processo de tomada das terras mais amistoso, entretanto, sua pretensão não saiu de acordo com o esperado e logo após o falecimento do rei, os romanos passaram a ignorar os acordos feitos. Segundo Eric Adler, há uma razão para a quebra dos acordos após a morte de Prasutagus³⁹, o pesquisador afirma que esse acordo entre o governo de Roma e o rei-cliente era referente apenas ao próprio governante, como o seu falecimento, não havia razão para que o acordo permanecesse sendo seguido, deste modo, a aliança foi anulada (ADLER, 2008, p. 176). Conforme evidencia Tácito, o exército romano espoliou toda a tribo, sob intensa violência, envolvendo estupros e açoites (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 31). O território dos iceni foi assolado, e é a partir deste momento que passamos a perceber na narrativa de Tácito que foram essas atitudes do exército romano o estopim para a revolta de Boudicca.

Conforme mencionamos no parágrafo anterior, a morte de Prasutagus trouxe instabilidade para a aliança e o acordo com os romanos, que viram em seu falecimento a oportunidade de desfrutarem das riquezas e das mulheres da tribo (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 31). Caitlin Gillespie ressalta que o relato de Tácito possibilita observar nas instruções de Prasutagus para seu povo que as mulheres bretãs possuíam o direito de herança, não eram inibidas de herdarem as riquezas e propriedades de seus pais⁴⁰ (GILLESPIE, 2018, p. 43). No livro *Boudica: Warrior Woman of Roman Britain*, Gillespie explica como foi para Boudicca essa situação de dissolução do clientelismo

³⁹ O que temos relato sobre Prasutagus é muito pouco, apenas sabemos que era um rei portador de muita riqueza e de sua família. Conforme salienta Gillespie, quando Prasutagus morreu, deixou sua propriedade para Nero e suas filhas, porém, essa transferência de poder não é clara. Boudicca pode ter se tornado então a única governante dos iceni; mas ressalta que no entanto, os Iceni nesse momento podem ter sido atormentados por disputas pelo poder entre aqueles que se aliaram aos romanos, como o marido de Boudicca, e aqueles que não o fizeram. A propriedade e os membros da tribo de Prasutagus ficaram vulneráveis após sua morte. Os romanos tomaram seu reino. A escritora presume que neste momento, Boudica teria por volta de trinta anos de idade quando assumiu o controle da situação (GILLESPIE, 2018, p. 36).

⁴⁰ Sabemos que em inúmeras sociedades antigas, o direito a herança era negado as mulheres.

entre os bretões e os romanos. Segundo a autora, ser esposa de um rei-cliente pode ter dado a Boudicca a cidadania romana, porém, isso não garantiu a ela e nem à sua família o respeito do imperador romano e de seus exércitos após o falecimento de seu esposo. Nero não teria se envolvido nos assuntos da Britannia e foram seus soldados que consideraram a tribo do rei bretão apta para a conquista. Gillespie acredita que se Nero tivesse seguido de acordo com os termos da vontade de Prasutagus, a rebelião poderia ter sido evitada. Isso fez com que Boudicca se tornasse a porta voz de tudo o que estava errado com esse sistema malogrado de clientes e da má administração nas províncias do período de Nero (GILLESPIE, 2018, p. 44).

Tácito segue seu relato sobre o levante de Boudicca no capítulo 32 em que ele descreve que:

Enquanto isso, sem motivo aparente, a estátua da Vitória em Camulodunum caiu prostrada e deu as costas ao inimigo, como se fugisse deles. Além disso, mulheres que entraram em frenesi proferiram profecias de que a destruição estava próxima. Gritos estrangeiros foram ouvidos em sua cúria, eles disseram, e o teatro tocou com lamentos, enquanto uma aparição da colônia derrubada foi vista no estuário do Tâmis. Além disso, o oceano tinha adquirido uma cor sangrenta, e marcas de cadáveres humanos foram deixados para trás pela maré vazante, o que alimentou as esperanças dos bretões e os temores dos veteranos (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 32).

Ainda no capítulo 32, Tácito segue com os relatos sobre a destruição de Camulodum:

Como Suetônio estava longe, porém, os veteranos procuraram a ajuda do procurador Catus Decianus. Ele não enviou mais de duzentos homens armados de maneira inadequada, e havia também um pequeno grupo de regulares na cidade. Os defensores tiveram que confiar na construção do templo para proteção. Eles também foram impedidos por cúmplices clandestinos da rebelião que tentavam sabotar seus planos, com o resultado de que dispensaram construir um fosso ou uma muralha, e não conseguiram remover os velhos e as mulheres e deixaram apenas os jovens na linha de combate. Mostrando tão pouca cautela como se estivessem em meio à paz, eles foram cercados por uma horda de bárbaros. Tudo o mais foi saqueado ou queimado no início, mas o templo em que os soldados se reuniram foi submetido a um bloqueio de dois dias e depois tomado pela tempestade. Além disso, os triunfantes bretões encontraram Petillius Cerialis, legado da Nona Legião, que estava vindo para socorrer os romanos, e puseram sua legião em fuga e mataram toda a sua infantaria. Cerialis escapou para seu acampamento com a cavalaria e encontrou proteção dentro de suas fortificações. Alarmado por esse desastre e pela hostilidade da província que sua rapacidade havia levado à guerra, o procurador Catus cruzou para a Gália (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 32).

Os relatos do capítulo 33 já são sobre a atuação do exército liderado por Boudicca na destruição do assentamento de Londinium. Tácito descreve que:

Suetônio, no entanto, mostrando uma determinação surpreendente, levantou-se e partiu no meio de uma população hostil a Londinium. Embora não tivesse a distinção de ser designada uma "colônia", a cidade era, no entanto, muito famosa por sua grande concentração de comerciantes e produtos vendáveis. Suetônio estava incerto se deveria escolher este assentamento como sua base de operações, mas quando considerou seu pequeno número e a clara evidência da severa penalidade que Petillius pagou por sua ação obstinada, ele decidiu salvar a situação geral com o sacrifício de uma única cidade. As lamentações chorosas de pessoas implorando por sua ajuda não puderam evitar ele de dar o sinal para sair e levar para o corpo de sua coluna apenas aqueles que podem acompanhá-lo. Todos os que foram retidos porque seu sexo os desqualificava para a luta, ou porque eram fracos com a idade ou tinham ligações com a localidade, foram subjugados pelo inimigo (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 33).

Ainda no capítulo 33, o historiador relata o que aconteceu também no assentamento de Verulamium:

Como a ruína caiu sobre a cidade de Verulamium, pois os bárbaros, que gostavam de saquear e eram indiferentes a tudo o mais, passaram pelas fortalezas com guarnições militares e atacaram o que quer que oferecesse mais riqueza ao saqueador e não fosse seguro para defesa. Cerca de setenta mil cidadãos romanos e aliados, ao que parece, caíram nos lugares que mencionei. Pois os bretões não faziam prisioneiros, nem os vendiam, nem se entregavam a qualquer outro tráfico durante a guerra; em vez disso, eles recorreram apressadamente ao massacre, à força, ao incêndio e à crucificação, aceitando que enfrentariam o castigo, mas enquanto isso se vingavam disso antes do tempo (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 33).

Percebemos na narrativa de Tácito sobre as destruições dos assentamentos, que os bretões não buscavam prisioneiros de guerra, eles estavam em busca de sua vingança e sua liberdade. Toda a violência que vemos por parte dos bretões e serem indiferentes a toda aquela matança, nos evidencia que o ódio dos nativos era tão grande que os fez nem mesmo querer ter seus inimigos como escravos, apenas sua morte os traria o sentimento de realmente terem se vingado.

No capítulo 34, a narrativa de Tácito começa a descrever os caminhos para a última batalha entre Boudicca e seus aliados contra os romanos:

Suetônio tinha sob seu comando a Décima Quarta Legião, os veteranos da Vigésima e alguns auxiliares dos assentamentos próximos, um total de cerca de dez mil homens armados, e agora se preparava para entrar em campo, não demorando mais. Ele escolheu um local onde houvesse um desfiladeiro estreito e ele tivesse a cobertura de um bosque em sua retaguarda, e tinha certeza de que a única presença inimiga estava diante dele, onde uma planície aberta

garantia nenhum medo de emboscada. Os legionários, portanto, estavam em linhas bem ordenadas, com a infantaria leve posicionada ao redor deles e a cavalaria agrupada nas alas. As tropas dos bretões, por outro lado, dispararam em esquadrões e companhias por todo o campo em números sem precedentes, e tal era sua confiança que também trouxeram suas esposas para testemunhar sua vitória, colocando-as em carroças que haviam armado na extremidade da planície (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 34).

A respeito do local escolhido por Suetonius para essa última batalha, na edição que usamos dos *Anais* traduzida por J.C Yardley, é mencionado que o local da última batalha de Boudicca tem sido objeto de muito debate, com locais que vão desde os arredores de Prestatyn até a estação King's Cross (Plataforma 9). Mas acredita-se que o local mais provável para essa batalha final seja próximo a Mancetter, na Watling Street em O local mais provável é próximo a Mancetter, na Watling Street, em Midlands (TÁCITO, *Anais*, p. 487).

No capítulo 35 dos *Anais*, Tácito diz que:

Boudicca montou em uma carruagem com suas filhas atrás dela, e quando ela se aproximou de cada tribo, declarou que, embora fosse normal que os bretões lutassem sob o comando de uma mulher, ela não estava naquela ocasião buscando vingança por um reino e posses como uma mulher descendente de grandes ancestrais. Não, ela disse, ela buscou isso como uma das pessoas que ali estavam, de igual para igual, procurou pela liberdade perdida, uma flagelação recebida e o abuso sexual de suas filhas. A cupidez dos romanos, disse ela, chegara ao ponto de não deixar os corpos das pessoas imaculados, ou mesmo a velhice ou a virgindade das meninas. Mas, ela acrescentou, os deuses estavam com eles para exigir sua justa vingança. A legião que ousara se engajar havia sido destruída; os outros estavam se escondendo em seu acampamento, ou procurando por uma fuga. Os romanos não resistiriam nem mesmo ao rugido e aos gritos de tantos milhares de homens, muito menos a seu encargo e seus braços de espada! Se eles mesmos avaliassem seus próprios números de tropas e seus motivos para a guerra, ela disse, então naquele compromisso eles tinham que vencer - ou cair. Essa foi a decisão que uma mulher tomou - deixar os homens viverem e serem escravos! (TÁCITO, *Anais*, XIV, 35).

Como podemos observar neste capítulo, Boudicca discursa de sua carruagem⁴¹ junto com as filhas que foram sexualmente abusadas pelos invasores romanos (TÁCITO, *Anais*, XIV, 35). Algo que fica bastante evidente neste momento é que ali na carruagem as garotas ocupam não apenas o papel de filhas da mulher que os lidera para a batalha, mas representam a busca pela liberdade que os bretões

⁴¹ Conforme observamos nos relatos de Tácito, o uso de carruagem pelos bretões era bem comum e um artifício bem útil em batalha facilitando a mobilidade em diversos terrenos.

havia perdido para os abusos e a luxúria romana. Quando nos voltamos para analisar Boudicca e sua posição de liderança, percebemos em seu relato a mãe, destacando que ali não está a mulher, mesmo sendo comum para os bretões terem mulheres os liderando, como pudemos ver no relato de Tácito em *Vida de Agrícola* (TÁCITO, *Vida de Agrícola*, XVI, 1.1). Vemos no relato do historiador que ali estava uma mãe, à frente de suas filhas, protegendo-as de certo modo. Segundo Johnson, Tácito rotula a violência que ela, suas filhas e seu povo sofreram, como algo ignóbil, um ato caracterizado como *stuprum* (JOHNSON, 2012, p. 46; TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 31.1-3). Segundo C. Gillespie, a escolha de Tácito por esse termo foi bem ponderada, pois os autores romanos tinham o costume de usar esse termo para descrever um tipo de ofensa que consistia no defloramento da integridade sexual de romanos que haviam nascido livres, portanto, não se aplicava aos estrangeiros. Deste modo, o estupro por parte dos soldados romanos ocorre com o intuito de destruir a castidade das filhas da guerreira icena⁴² (BÉLO, 2014, p. 65; ALDHOUSE-GREEN, 2006; JOHNSON, 2012, p. 53; GILLESPIE, 2018, p. 59). Para a professora Gillespie, a escolha de termos romanos é útil para dar ênfase à assimetria da violência: os bretões subjugados agora punem as mulheres da elite romana como se estas fossem escravas. Seu infortúnio sexual é imoral e sugere um ato de pura e indubitável tirania (GILLESPIE, 2018, p. 59).

Bélo salienta que se nos recordarmos que o desejo de Prasutagus era que suas filhas herdassem o reino e suas riquezas, estupra-las⁴³ se torna além da humilhação, um golpe político, visto que com as jovens sendo da realeza bretã da tribo iceni, a violação sexual comprometeria a pureza de sua linhagem, a partir do momento que sua linhagem fosse misturada à dos romanos, estes se tornariam aptos a governar naquele território. A historiadora afirma que “os oficiais se valeram de um poder que contaminaria as garotas com um descendente bastardo e romano” (BÉLO,

⁴² Conforme afirma Johnson, o ato de açoitar marca de modo literal o corpo de Boudicca com o estigma da escravidão, evidenciando o sinal cultural da servidão, exaltando assim a virilidade de seus opressores romanos. Já o abuso físico sofrido por suas filhas acaba por reduzir sua humanidade. Essa quebra de seus hinos é, segundo Johnson, um significante do machismo romano em seu pior estado imperial. De acordo com a professora, o ato é de negação, pois acaba por romper de algo de modo violento, algo que nunca poderá ser curado, assim como as cicatrizes no corpo de Boudicca. Ela e suas filhas carregam no corpo lembretes físicos do poder e da selvageria romana. Esse poder romano é um poder que pode ter seus úteros com a descendência romana bastarda (JOHNSON, 2012, p. 53).

⁴³ Bélo destaca que no discurso feminista o estupro é o que mais expressa o patriarcado, sendo visto como um ato hediondo que reduz a mulher a um estado degradador. Salienta Bélo que o feminismo enxerga o estupro como o mais extremo crime direcionado a uma mulher, uma violência que causa repugnância (BÉLO, 2014, p. 65).

2014, p. 65; JOHNSON, 2012, p.53; DAVIES & ROBINSON, 2009; ALDHOUSE-GREEN, 2006).

Tácito relata no capítulo 36 que Suetonius também não ficou calado durante a criticidade daquele momento. O historiador afirma que ainda que o comandante tivesse confiança no valor de seus soldados, ele entregou uma mistura de encorajamento e suplicas, incitando seu exército a não dar ouvidos as ameaças e barulho dos bárbaros, dizendo que havia mais mulheres e jovens visíveis entre eles (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 36). Tácito relata que ele disse:

Sem habilidade e armas de luta, eles cederiam imediatamente ao reconhecer as armas e a coragem de seus conquistadores, tantas foram suas derrotas passadas! Mesmo quando as legiões eram muitas, disse ele, apenas um punhado de homens decidia o resultado das batalhas, e seria ainda mais glorioso que, por pequenas forças como eram, eles ganhariam a fama de um exército inteiro. Eles deveriam apenas manter a ordem e, depois de disparar seus dardos, continuar a matança sangrenta com escudos e espadas, e sem pensar em saquear tudo viria a eles quando a vitória fosse ganha! (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 36).

Tácito afirma que as palavras do comandante entusiasmaram os seus homens, e que havia uma ansiedade com que seus veteranos com sua longa experiência de batalha, se prepararam para lançar seus dardos e que Suetonius com certeza do resultado que obteriam, deu o sinal para a batalha (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 36).

Por fim, Tácito afirma que a batalha foi árdua. Segundo o escritor romano, o ataque dos auxiliares estava acompanhado das cavalaria. Afirma que os soldados romanos nem mesmo pouparam de execução as mulheres e animais de bagagem, e tudo o que se via era um amontoado de corpos. Quanto aos números, o romano afirma que há quem diga que caíram pouco menos de oitenta mil bretões, com cerca de quatrocentos soldados mortos e não muitos mais feridos. Boudicca teria acabado com sua própria vida se envenenando, tamanha era a dor em sua derrota (TÁCITO, *Anais*, XIV, 37, 1-4).

Nos *Anais* de Tácito, a comandante bretã viaja pelas tribos da Britannia acompanhada de exército buscando trazer mais bretões para sua batalha contra os excessos romanos, em busca de unir as tribos por seu ideal comum: o desejo de liberdade (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 31-37). Para Gillespie, esse esforço por união está estritamente aparado no simbolismo, pois Boudicca faz uso de seu corpo, dos corpos violados de suas filhas, estes corpos são a personificação da luta pela liberdade, valendo-se do uso da retórica, equiparando a perda da castidade à perda

da liberdade. Empenhando-se em destacar a maternidade e violação da liberdade sexual, a líder iceni detém as injustiças que os povos bretões afligidos por parte dos romanos, no momento em que aquelas três mulheres ficam em evidência na carruagem, aquela imagem provoca o aumento da comoção com a violência sofrida por elas, ademais, engrandece a força e o poder que delas emana, mas o poder no qual falamos não se trata do poder por serem mulheres da nobreza bretã, trata-se do poder por serem capazes de se reerguer e lutarem por sua liberdade (GILLESPIE, 2018, p. 63).

A Boudicca retratada por Tácito, como percebemos, é a mãe, a mulher que conseguiu por meio de sua insurreição criar uma causa, a mãe que se cansa da violência e dos abusos dos militares romanos, que busca instigar seu povo a se levantar e ir em busca da sua liberdade e não mais sendo oprimidos pelo exército romano. Tácito, por outro lado, conforme salienta Nic Fields, em momento algum se refere à Boudicca como rainha (FIELDS, 2011, p.20; BÉLO, 2014, p.44; ALDHOUSE-GREEN, 2006), nem em *A Vida de Agrícola* e nem nos *Anais*, o historiador romano a descreve especificamente como a “esposa” de Prasutagus (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 31), ao qual ele se refere como *Rex Icenorum*, “rei dos Icení”, e também como *generis regii*, “da linha real”, modo pelo qual ele também se refere à comandante bretã. Mas em linhas gerais, o escritor apenas a chama por seu nome (FIELDS, 2011, p.20).

2.2. Buduica: Boudicca em Dion Cássio

Dion Cássio é a nossa segunda fonte, oferecendo-nos um relato primário sobre a rainha Boudicca. Dion Cássio, conforme salienta Johnson, teria nascido por volta de 165 EC provavelmente na região da Nicéia próximo da Bitínia, localizado na Ásia Menor, e teria falecido por volta de 235 EC (JOHNSON, 2012, p. 75). Dion foi cônsul em Roma e governador da África e Dalmácia. Segundo Johnson, o historiador escreveu a *Historia Romana* em oitenta livros, destes oitenta, vinte e seis ainda existem, são os livros do 36 ao 60. A obra foi escrita em grego e cobre o período desde a fundação da cidade em 753 AEC até o ano de 229 EC (JOHNSON, 2012, p.75). Destacamos que os primeiros trinta e sete livros desta obra chegaram até nós fragmentados, sendo um relato que cobre um total de 983 anos.

Para esta pesquisa escolhemos trabalhar com o volume VIII da obra, utilizando o livro XLII, livro no qual o escritor traz em seus relatos os acontecimentos que envolvem Boudicca. Renato Pinto destaca que os relatos de Dion Cássio acerca

do levante de Boudicca teriam sido escritos em meados do fim do séc. II, ou seja, o autor está separado dos eventos nos quais descreveu por aproximadamente 150 anos (PINTO, 2011, p.113). Pinto afirma que o relato de Dion a respeito da revolta de Boudicca é o mais dramático nas descrições dos abusos sofridos pelos romanos no ataque dos rebeldes bretões comparado ao relato de Tácito. O historiador destaca que não sabemos ao certo de quais fontes Dion Cássio fez uso para compor seu relato dos eventos ocorridos na *Britannia* mas, segundo ele, a obra possui informações dessemelhantes das que são trazidas por Tácito. Pinto acredita na possibilidade de alguma outra versão do ocorrido na Britannia em 60 EC ter existido à época em que Dion Cássio iniciou seus escritos (PINTO, 2011, p. 113).

O autor traz em sua narrativa a grafia do nome de Boudicca com Bouδουικα, cuja transliteração é Buduica. O romano evidencia em sua exposição a imagem bárbara da rainha bretã, na narrativa do romano, ele evidencia a personagem sendo persuasiva, ao descrever a fisionomia da guerreira celta, masculiniza sua figura e é nesse ponto que devemos ter cuidado ao analisar a representação da bretã por Dion Cássio, visto que é necessário entendermos quais os elementos presentes na cultura romana que levaram à representação de Boudicca passar por um tratamento que masculinize a sua persona e descivilize seus atos. Esse livro traz, portanto, os relatos sobre a rebelião da nobre bretã, os aspectos que impulsionaram esse levante, como estava o processo de tomada do território bretão, quais foram as estratégias traçadas pelo exército liderado por Boudicca e quais foram as respostas do exército de Suetônio, chegando ao fim desses embates na Britannia.

Boudicca é inicialmente referida por Dion Cássio no livro LXII como fora anteriormente mencionado. O romano salienta que a bretã foi figura fundamental para encorajar os nativos a lutar contra os romanos. Dion Cássio fala que os bretões a consideravam apta para comandá-los em batalha, o escritor explica que Boudicca era uma mulher da realeza bretã assim como afirma Tácito, mas o ponto que destacamos é a forma com que o autor caracteriza a rainha:

Em estatura ela era muito alta, na aparência mais aterrorizante, no olhar de seus olhos, o olhar mais feroz, e sua voz era grossa⁴⁴; uma

⁴⁴ Johnson salienta que além dessa ferocidade destacada no olhar de Boudicca por Dion Cássio, a rainha icena é descrita como possuidora de uma voz áspera possivelmente para referenciar ao desagradável som que a língua bárbara tem para a audição grega ou romana (JOHNSON, 2012, P.83).

grande quantidade de cabelos⁴⁵ caídos em seus quadris; em volta do pescoço havia um grande colar de ouro⁴⁶; e ela usava uma túnica de diversas cores, sobre a qual um grosso manto estava preso com um broche. Este era seu traje invariável (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 4).

Dion Cássio masculiniza a figura de Boudicca, presumivelmente por ser para os romanos anômalo ter uma mulher ocupando a posição de rainha de uma tribo e líder de um exército (BÉLO, 2014, p.9; JOHNSON, 2012, p. 60-83-128; GILLESPIE, 2018, p. 77). Dorothy Watts salienta que essa descrição que Dion Cássio faz da rainha icena resultou na inspiração para esculturas e pinturas, no entanto, por se tratar de uma descrição que evidencia uma enorme expressividade nos detalhes, conduz-nos a questioná-la como um retrato provável da rainha, ou mesmo das mulheres que habitavam a Britannia. A historiadora ressalta a importância de utilizarmos a arqueologia para tentar compreender e descobrir como as mulheres da Idade de Ferro realmente eram fisicamente, e se há alguma verdade no quadro dramático construído por Dion Cássio (WATTS, 2005, p. 90)⁴⁷.

A respeito da ferocidade e terror no olhar de Boudicca que Dion Cássio afirma que a bretã possuía, Dorothy Watts salienta não haver possibilidade de confirmar o relato. Entretanto, as limitadas evidências a respeito da fisionomia das mulheres bretãs que temos, sugere que algumas podem ter tido feições mais fortes, e presumimos que este fator possa ter contribuído para a construção dessa aparência aterrorizante. A historiadora ressalta que há um relatório da cidade de Poundbury que descreve a população do cemitério da cidade como sendo pessoas com as

⁴⁵ Watts destaca que a descrição de Dion Cássio sobre cabelos longos e em tom de algo parecido com um pardo ou castanhos da rainha Boudicca é mais fácil de verificarmos, pois Estrabão em sua descrição sobre os celtas europeus observou que aqueles que viviam em ambos os lados do Reno se assemelhavam em sua natureza e em suas instituições sociais e também possuíam um laço parental, e a escritora afirma que Tácito em Germânia ao descrever as tribos que viviam do outro lado do Reno, possuíam olhos azuis ferozes e cabelos ruivos. Watts salienta ainda que a arqueologia britânica aprova a descrição que os autores clássicos fazem do cabelo (WATTS, 2005, p. 92).

⁴⁶ Torcs eram colares de ouro comumente utilizados por líderes bretões. Vanessa Collingridge salienta que a respeito dos torcs mencionados por Dion Cássio, não precisamos ter dúvidas, pois preciosos torcs datando do final da Idade do Ferro e do início do período romano foram encontrados em tesouros enterrados, possivelmente porque seus donos queriam mantê-los seguros (COLLINGRIDGE, 2006, p.8).

⁴⁷ Watts, faz um estudo mais extenso a respeito da fisionomia de Boudicca, a professora diz: Se uma mulher tipo Boudicca tivesse vivido no período romano-britânico posterior, ela supostamente poderia ter vindo da região centro-sul da ilha, talvez Somerset ou Dorset, porque é nesta região que as mulheres mais altas foram encontradas por arqueólogos. Cannington, em Somerset, tinha a figura feminina mais alta (1,76 m), e a maior média para as fêmeas (1,64 m), seguida por Shepton Mallet (1,62 m). A próxima maior média foi de Poundbury, em Dorset (1,61 m), um site que também teve a maior média de mulheres da Idade do Ferro. O costume de estatura para as fêmeas romano-britânicas foi de 1,59m e para os machos de 1,68m. (WATTS, 2005, p. 92).

mandíbulas bem maiores em comparação com os povos posteriores e, portanto, aparentavam ter uma espécie de “papada”. A autora descreve que no London Eastern, perceberam que algumas mulheres tinham uma linha da mandíbula semelhante à dos homens. Watts afirma ter percebido em Cannington que os chefes das tribos costumavam ter uma longa cabeça. Deste modo, a historiadora salienta que essas características não indicam claramente um rosto aterrorizante, como expõe Dion Cássio (WATTS, 2005, p. 92).

Ao relatar o levante liderado por Boudicca, Dion Cássio afirma que este evento ocorreu em um momento de distração do imperador Nero:

Enquanto esse tipo de brincadeira de criança acontecia em Roma, um terrível desastre ocorreu na Britannia. Duas cidades foram saqueadas, oitenta mil dos romanos e dos seus aliados pereceram e a ilha foi perdida para Roma. Além disso, toda essa ruína foi trazida aos romanos por uma mulher, fato que em si lhes causou a maior vergonha. De fato, o Céu lhes deu indicações da catástrofe de antemão. Pois de noite ouviam-se discursos do jargão estrangeiro do Senado, misturados com risadas, e dos clamores e lamentos dos teatros, embora nenhum homem mortal tivesse proferido as palavras ou gemidos; casas foram vistas sob a água no rio Tâmsa, e o oceano entre a ilha e a Gália uma vez ficou vermelho de sangue na enchente. (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 1.2).

Observamos na narrativa de Dion Cássio que na visão do escritor romano, o levante de Boudicca teria sido um desastre provocado por bárbaros, e o fato dessa insurreição ter ocorrido sob a liderança de uma mulher, trouxe para os romanos bastante constrangimento (BÉLO, 2014, p.69, DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 1.2). Tácito em sua descrição sobre o confronto da bretã com os romanos no decorrer dos capítulos 31 até o 37, torna perceptível que a causa da revolta de Boudicca teria sido a violência sofrida, motivado pelo ódio dos bretões contra os estupros e os horrores da escravidão que sofriam (TÁCITO, *Anais*, livro XIV, 31-37), já Dion traz em sua narrativa como estopim para a revolta, a cobrança descomedida de impostos (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 1.2) . O escritor romano diz:

Uma desculpa para a guerra foi encontrada no confisco das somas de dinheiro que Cláudio tinha dado aos principais bretões; pois estas somas, como Decianus Catus⁴⁸, o procurador da ilha, mantinha,

⁴⁸ Segundo Bélo, Catus Decianus era um oficial de finanças, *procurator Britanniae*, encarregado por todo e qualquer trabalho referente a dinheiro e rendimento, principalmente taxaço, era o responsável por fazer com que a Britannia pagasse suas dívidas, de preferência a fazer com que esgotassem suas riquezas e mandá-las para Roma; seu trabalho incluía cobrar o pagamento dos soldados, taxaço de terras buscando arrecadar cada vez mais (BÉLO, 2014, p. 64; ALDHOUSE-GREEN, 2006).

deviam ser devolvidas. Esse foi um dos motivos da insurreição; outro foi encontrado no fato de que Seneca, na esperança de receber uma boa taxa de juros, emprestara aos ilhéus 40.000.000 sestércios⁴⁹ que eles não queriam, e depois convocara esse empréstimo de uma só vez e recorria a medidas severas. em exigindo isto (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 2.2).

Dion Cássio narra antes de fazer sua descrição da batalha, o discurso feito por Boudicca. Segundo o escritor romano, a rainha icena agrupa seu exército, sobe em uma plataforma feita de algo parecido com barro bem ao estilo romano de se discursar e apresenta seu texto. Dion Cássio descreve sua aparência através de inúmeros adjetivos exagerados, buscando dar ênfase à sua excepcionalidade entre as mulheres e entre outros guerreiros e trazendo que a líder tem uma inteligência incomum para as mulheres (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 2.2; BÉLO, 2014, p.69). Gillespie salienta que Boudicca demonstra uma imagem complicada da riqueza iceni, do poder exercido pelos homens e dos ornamentos não-romanos da Idade do Ferro Tardia. Suas roupas sugerem a permanência de costumes e características locais, podemos interpretar o uso desses ornamentos bretões como um planejamento de sua resistência a dominação romana e da recusa na adesão da romanização. A historiadora salienta que a única prática romana adotada pela monarca bretã é a forma de se dirigir ao seu povo durante seu discurso. Dion Cássio destaca que a postura de Boudicca remete a de um general romano, convocando suas tropas para pegarem suas armas antes de enfrentarem o inimigo (GILLESPIE, 2018, p. 74). O discurso de Boudicca descrito por Dion Cássio é bastante vasto e ocupa algumas páginas da obra. Como destaca Gillespie, Dion Cássio em sua obra dá a pouquíssimas mulheres a oportunidade de falar, e dessas poucas mulheres, as que falam são as que representam modelos positivos e que provam sua nobreza ao dar ênfase em sua maternidade, no entanto, Boudicca é colocada pelo escritor romano em um contexto que nos possibilita compreender melhor a representação de gênero e de poder entre os bretões (GILLESPIE, 2018, p. 77).

Destacamos antes de analisar o discurso da guerreira icena, que é importante tomarmos conhecimento, de que tanto o discurso de Boudicca quanto a conduta tomada pela bretã neste momento foram adicionadas pelo escritor romano. Conforme salienta Bélo, a inserção ocorre por se tratar de textos que eram lidos por um grande público, discursos eram adicionados ao relato para torná-lo mais real e dramático para

⁴⁹ O sestércio é uma moeda romana de cobre, equivalente a um quarto de denário.

ao leitor, pois a adição do discurso ajudava na composição da figura que estava sendo retratada (BÉLO, 2014, p.43).

Vocês aprenderam com a experiência real como a liberdade é diferente da escravidão. Portanto, embora alguns de vocês possam anteriormente, através da ignorância do que era melhor, terem sido enganados pelas sedutoras promessas dos romanos, agora que vocês já tentaram as duas coisas, Aprendi o grande erro que cometeste ao preferires um despotismo importado ao teu modo de vida ancestral, e percebeste o quanto é melhor a pobreza sem mestria do que a riqueza com a escravatura. Pois qual é o tratamento mais vergonhoso ou tipo grave que não sofremos desde que esses homens fizeram sua aparição na Grã-Bretanha? Não fomos roubados inteiramente da maioria de nossas posses, e as maiores, enquanto para aqueles que permanecem nós pagamos impostos? Além de pastar e cultivar para eles (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 3.2-3).

Analisando essa parte do discurso, a rainha icena enfatiza para seu povo que eles viveram a liberdade e compreendem a diferença desta com a escravidão, ressalta que com a investida dos romanos eles conseguem perceber o quanto ter liberdade se difere de viver sendo subjugados, destaca em sua fala a exacerbada cobrança tributária e o quando isso os desfalcou. Boudicca lembra seu povo que desde que os romanos chegaram, os bretões vinham sofrendo cada vez mais humilhações e os relembra que muitos foram ingênuos ao acreditarem nas falsas promessas dos invasores latinos e que preferiram se entregar a um modo de vida estrangeiro do que seguirem com seus costumes ancestrais. A rainha ressalta que agora percebem que é melhor a pobreza sem ter que se subordinar aos romanos do que uma riqueza baseada na escravidão. E é através dessa fala que a rainha começa a instigar os bretões para a batalha (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 3.2-3; BÉLO, 2014). Hingley & Unwin destacam que nesse relato são atribuídas as declarações de Boudicca que foram bastante significativas para o uso de sua imagem na Inglaterra do século XVI e posteriores (HINGLEY & UNWIN, 2006, p. 54).

Dion Cássio segue com o discurso dramático de Boudicca:

Seria muito melhor ser vendido aos senhores de uma vez por todas do que, possuindo títulos vazios de liberdade, ter de nos resgatar todos os anos! Seria muito melhor ter sido morto e perecido do que sair por aí com um imposto sobre nossas cabeças! No entanto, por que menciono a morte? Pois até morrer não está isento de custos para eles; não, você sabe quais taxas nós depositamos até pelos nossos mortos. Entre o resto da humanidade, a morte liberta até mesmo aqueles que são escravos de outras pessoas; somente no caso dos romanos os próprios mortos permanecem vivos para seu proveito. Por que, embora nenhum de nós tenha dinheiro (como, de fato,

poderíamos, ou onde poderíamos obtê-lo?), Somos despojados e espoliados como as vítimas de um assassino? E por que se deve esperar que os romanos mostrem moderação com o passar do tempo, quando se comportaram dessa maneira desde o início, quando todos os homens mostram consideração até mesmo pelos animais que capturaram recentemente? (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 3.3-5).

A rainha bretã afirma que seria melhor que os bretões e seus filhos fossem vendidos de uma vez aos romanos a ter que ficar pagando impostos com a ideia de que isso lhes traria uma suposta liberdade, anualmente cobrada pelos romanos. Ressalta que a morte seria melhor, mas lembra que até pelos mortos eram obrigados a pagarem impostos e nesse momento, demonstra grande indignação. Pois até os escravos são libertos com a morte, mas que com sob jugo romanos nem a morte é capaz de libertá-los, e segue motivando seu povo a lutar pois não podem esperar que os romanos os tratem com mais respeito pois isso não acontecerá.

Em outro trecho do discurso de Boudicca, a rainha responsabiliza os bretões pela invasão romana, em sua fala ela diz que o povo acabou permitindo que os romanos adentrassem a ilha visto quando os expulsaram imediatamente como fizeram anteriormente, na tentativa de invasão de Júlio César. A guerreira icena reitera que ainda que a Britannia seja uma enorme ilha cercada por um imenso mar e uma natureza esplendorosa, eles permitiram que um exército composto por homens que nada conheciam daquele lugar os desprezassem e subjugassem. No entanto, ela declara que ainda que não tenham evitado a investida romana logo no começo, ainda é possível que os expulsem da ilha. Motivando seu povo, a monarca celta afirma que considera todos os bretões seus parentes, pois habitam a mesma ilha e possuem um desejo em comum: a liberdade. Enfatiza que é necessário que lutem para reconquistar sua liberdade para que possam deixá-la de herança para seus filhos, pois não podem permitir que estes conheçam a liberdade apenas pelo nome, pois esta deve ser para eles uma realidade. Encerra essa parte de seu discurso dizendo que se para eles a liberdade já parece esquecida pois pouco lembram de como era serem livres e felizes, pior será para seus filhos que foram criados sob a escravidão (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 4. 1-3).

É perceptível que Dion Cássio coloca no discurso de Boudicca não apenas o apelo da monarca que está vendo seu povo ser oprimido por um exército estrangeiro, mas o escritor romano busca enfatizar o apelo da mãe. E ao culpabilizar os bretões, isso os instiga a recuperarem aquilo que perderam por sua irresponsabilidade. Dion

Cássio busca colocar Boudicca como uma rainha que não se vê como superior ao seu povo, pois os vê de igual para igual.

Em outra parte do discurso, a comandante icena deixa claro que não está dizendo todas essas coisas para instigar nos bretões ódio pelas condições atuais ou medo pelo futuro, pois isso eles já tem, mas que seu intuito é parabenizá-los por tomarem por conta própria a decisão de lutar com ela. A rainha inclusive os agradece. Seguindo com sua fala, a líder zomba do exército romano por utilizarem inúmeros adereços em suas armaduras pelo fato de temerem os bretões e que os romanos são influenciados pelo medo, diferente deles que possuem bravura em excesso e que para os bretões bastam suas tendas e escudos para que possam estar protegidos. Boudicca afirma que os romanos são inferiores a eles em inúmeros aspectos, pois os romanos basicamente querem e estão acostumados a uma vida sem grandes esforços, e não seriam capazes de viver ali por muito tempo pois não suportariam o frio, fome e nem mesmo atravessar pelos ambientes mais hostis pois trata-se de um território desconhecido por eles. A guerreira bretã finaliza essa parte de seu discurso dizendo que eles mostrarão para os romanos que eles são apenas lebres e raposas tentando governar cães e lobos (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 5.1-6).

Dion Cássio diz que quando a bretã terminou sua fala, empregou uma espécie de prática de adivinhação⁵⁰, deixando uma lebre sair da dobra de seu vestido, e para onde a lebre corria, eles consideravam o lado auspicioso, toda a multidão então gritou de alegria e nesse momento a rainha levantou as mão para o céu e disse chamando pela divindade bretã à qual ela era devota:

Agradeço-te, Andraste, e te invoco como mulher falando com mulher; pois eu governo sobre a ideia de não carregar fardos egípcios como fez Nitócris, nem sobre traficar assírios como fez Semíramis (pois já ganhamos muito aprendizado com os romanos!), muito menos sobre os próprios romanos como fez Messalina uma vez e depois Agripina e agora Nero (que, embora no nome um homem, é de fato uma mulher, como se prova por seu canto, lira e embelezamento de sua pessoa) não, aqueles sobre quem eu governo são bretões, homens que não sabem como cultivar o solo ou cultivar um comércio, mas são totalmente versados na arte da guerra e têm todas as coisas em

⁵⁰ Segundo Aldhouse-Green não há indícios nas fontes de que Boudicca era uma druidesa. Entretanto, ressalta que é significativo que a rainha celta agiu como uma profetisa no bosque de Andraste, deusa da Vitória. Afirma que os romanos faziam sacrifícios, mas realizar um evento sacrificial não é o mesmo que adivinhação, que é o que Boudicca fez. Aldhouse-Green acredita que pode estar implícito no relato de Dion Cássio a ideia de uma "realeza sagrada". A autora afirma que isso é confirmado pelo discurso relatado de Boudicca no qual ela se dirige a Andraste em tom familiar de um igual. Portanto, o texto deixa claro que pelo menos nessa ocasião, Boudicca agia como sacerdotisa (ALDHOUSE-GREEN, 2010, p. 218-219).

comum, até mesmo filhos e esposas, de modo que estas possuem o mesmo valor que os homens, sendo a rainha, então, de tais homens e de tais mulheres, eu suplico e rogo a ti pela vitória, preservação da vida e liberdade contra os homens insolentes, injustos, insaciáveis, ímpios, se de fato, devemos chamar essas pessoas de homens que banham-se em água morna, comem guloseimas artificiais, bebem vinho puro, ungem-se com mirra, dormem em sofás macios com meninos como companheiros de cama, são escravos de um tocador de lira e meninos que já ultrapassaram o seu auge, e pobres também. Portanto, que está Senhora Domícia-Nero não reine mais sobre mim ou sobre vocês; deixe a moça cantar e dominar os romanos, pois eles certamente merecem ser escravos de tal mulher depois de terem se submetido a ela por tanto tempo. Mas para nós, Senhora, seja você só, sempre nossa líder (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 6.1-5.).

Percebemos que Dion Cássio ao criar o discurso de Boudicca, enquanto ele masculiniza sua imagem, faz parecer que a bretã torna a figura de Nero bem feminina, se referindo a ele como moça, mulher. É possível percebermos que para os romanos, isso sim é natural e não a figura de Boudicca que é uma mulher grossa, feroz, de cabelos desgrenhados e postura masculina. Johnson destaca que:

[...] ao ler as palavras de Boudicca através dos olhos de seu criador, Dion Cássio, o verdadeiro arquiteto da ideia do "nobre selvagem"⁵¹ neste contexto - o racismo inerente e o medo subjacente do "Outro" bárbaro são revelados" (JOHNSON, 2012, p.85)

Deste modo, as palavras da guerreira celta saem em uma explosão de retórica. Ela procura elogiar os bretões por suas qualidades definitivamente não romanas, com Dion Cássio deixando implicitamente sua visão da natureza exótica dos bretões, que podemos interpretar como uma ausência de civilização. Para Johnson devido a toda essa caracterização masculina de Boudicca, o discurso dela se torna, então, tão estranho quanto a sua roupa, e seu aspecto geral emana uma aura transgênero, pois mesmo sendo de fato uma mulher, a rainha age e fala como um homem. A historiadora ressalta que essa ideia do nobre selvagem nas fontes antigas se define pelo contraste com a elite por eles considerada civilizada, como a mulher na antiguidade é definida sempre por meio da comparação com o homem (JOHNSON, 2012, p. 85; BÉLO, 2014, p. 71).

Depois do discurso, Dion Cássio afirma que Boudicca se aproveitou da distração de Paulinus para promover um ataque extremamente bestial. Segundo o escritor, aqueles que foram levados como cativos pelos bretões foram submetidos a

⁵¹ A historiadora Tais Pagoto Bélo também levanta essa questão do nobre selvagem, ressaltando que essa caracterização de Boudicca nos revela o modo com que os romanos olhavam o outro (BÉLO, 2014, p. 10-11; ADLER, 2008; JOHNSON, 2012, p.85).

inúmeras formas de ultraje. A pior e mais bestial atrocidade cometida por eles foram, segundo o autor, pendurarem as mulheres nobres nuas e então cortaram seus seios e os costuraram em suas bocas, passando a impressão que suas vítimas os estavam comendo. Os revoltosos empalaram as mulheres em espetos afiados estendidos por todo o corpo⁵². Salienta que todos esses atos foram acompanhados de sacrifícios, banquetes e um comportamento descomedido no bosque de Andraste, este nome era equivalente à Vitoria para eles, e eles consideravam agora sua maior reverência (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 7.1-3; BÉLO, 2014, p.71-72).

Dion Cássio relata que após Paulinus saber do desastre na Britannia, ele imediatamente partiu de Mona para lá. Mas não buscava de imediato arriscar um conflito com os bretões pois temia sua quantidade e seu desespero. Segundo Dion Cássio, ele estava inclinado a adiar a batalha para um momento que lhe fosse mais conveniente. No entanto, ele não esperava que fossem ficar sem comida e que os bárbaros os pressionariam, foi compelido, ao contrário de seu julgamento, a enfrentá-los. Estando Boudicca à frente de um exército de aproximadamente 230.000 homens, ela mesma dirigiu uma carruagem e designou os demais para seus postos. Paulinus não poderia estender sua linha por toda a extensão da rainha, pois, ainda que seus homens tivessem sido puxados em pouca profundidade, não iriam longe o suficiente pois eram inferiores em número. Entretanto, entrou na batalha em uma única força compacta, devido ao medo de serem cercados e vencidos. Dion Cássio ressalta que ele separou seu exército em três divisões, procurando lutar em vários pontos ao mesmo tempo, essas divisões se tornaram fortes o bastante para dificilmente serem quebradas (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 8.1-3).

Após um duro embate, os romanos mataram muitos em batalha, capturaram muitos vivos, relata mas que mesmo assim, não foram poucos os que escaparam e se prepararam para lutar novamente. Neste meio tempo, porém, Boudicca adoeceu e morreu⁵³. Os bretões prepararam para a rainha um suntuoso sepultamento, mas

⁵² Bélo referenciando Miranda Aldhouse-Green destaca que, a mutilação dos seios das mulheres romanas, junto seu empalamento, podem representar um estupro simbólico buscando vingar o que foi feito com as filhas de Boudicca. Cortar os seios e colocá-los na boca, atua como se fosse um ritual canibalista, e isso demonstra que Dion Cássio quis evidenciar o quanto os bretões eram bárbaros, pois esse tipo de atitude não fazia parte do que era conhecido pela humanidade “civilizada” (BÉLO, 2014, p. 72).

⁵³ A historiadora Taís Pagoto Bélo também aborda o adoecimento e morte de Boudicca retratados em Dion Cássio. Segundo ela, “Nesse entretanto, Boudica caiu doente e morreu” (BÉLO, 2014, p. 73; DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII).

sentindo-se finalmente derrotados, se espalharam rumo a suas casas (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 12.5-6).

Por fim, Bélo afirma que não temos resquícios de onde foi travada exatamente essa batalha, pode ter ocorrido provavelmente em alguma parte da estrada romana conhecida como Watling Street ou *Wæcelinga Stræt* em inglês arcaico. Referenciando Sealey e Fields, a historiadora salienta que essa era uma das mais importantes estradas romanas, pois ligava Londinium ao noroeste junto a outra que ligava a um centro comercial ao nordeste, a caminho de Camulodunum. A autora destaca referenciando Davies & Robinson, que para os iceni a batalha contra os romanos trouxe inúmeros problemas pois não semearam a colheita daquele ano, e a derrota acabou sendo seguida pela fome, e que provavelmente levaram séculos para se reestabelecer por completo (BÉLO, 2014, p. 74; SEALEY, 1997).

2.3. *Dux Femina*

Referenciando Mary Beard, Ella Hartsoe em seu artigo *The Barbarian Dux Femina: A Study in Creating Boudicca*, expõe que a figura que temos de Boudicca é em quase todos os sentidos uma criação romana (HARTSOE, 2017, p. 1; BEARD, 2013). Pois como mencionamos anteriormente, por exemplo, o discurso de Boudicca durante a batalha foi criado por Dion Cássio e não podemos acreditar em todas as características atribuídas à Boudicca pelo autor sem questionar, pois para os romanos os celtas eram bárbaros, portanto, a narrativa exagerada tinha como intuito um modo do autor se justificar.

Francesca L'Hoir salienta que a repetição de *dux femina* permite que Tácito consiga desacreditar a revolta de Boudicca, insinuando que os homens que toleram uma *dux femina* devem ser destituídos de sua masculinidade. A autora afirma que Tácito ao combinar *femina* e *dux*, conseguiu criar uma imagem pejorativa e ambígua, pois *femina* acaba por atribuir características femininas ao *dux*, assim como *dux* atribui características masculinas à mulher (L'HOIR, 1994, p.8; GILLESPIE, 2018). L'hoir ressalta que enquanto Tácito tem o costume de usar *dux* para referenciar generais romanos que exercem autoridade legítima sobre suas legiões, ao utilizar com Boudicca, ele emprega o substantivo pejorativamente para se referir a generais rebeldes, líderes de facções e inimigos estrangeiros de Roma no ano dos Quatro Imperadores que ele retrata nos Anais. A autora destaca ainda que o uso de *dux* juntamente com *femina*, é empregado para insinuar a ilegitimidade do governo, uma

vez que as mulheres, no pensamento de Tácito, não possuem lugar em lugar nenhum perto das cenas da batalha (L'HOIR, 1994, p.8). Caitlin Gillespie que também aborda a questão da *dux femina*, complementa a discussão de L'hoir dizendo:

O conceito de *dux femina* (mulher comandante) é particularmente pertinente a essa distinção. Tácito se refere a Boudicca como uma *dux femina*, ativando uma série de associações literárias ao mesmo tempo em que desafia seu leitor a contemplar o lugar de Boudicca dentro deste cânone literário distinto. Este topos literário se origina de Dido de Virgílio, mas geralmente funciona de forma pejorativa na historiografia romana. O valor pejorativo de *dux femina* é particularmente verdadeiro nos Anais de Tácito, onde o termo é aplicado às mulheres da família imperial (GILLESPIE, 2018, p. 91).

Gillespie acrescenta que Boudicca está separada das outras mulheres devido à posição que ela ocupa no campo de batalha entre suas tropas. Segundo a historiadora, Tácito descreve Boudicca como uma comandante feminina (*dux femina*) em *Vida de Agrícola* e nos *Anais*. A liderança da guerreira bretã lembra conforme salienta a autora, algumas mulheres guerreiras famosas dentre elas: Pentésiléia, amazona que enfrentou Aquiles na Guerra de Tróia, Artemísia da Pérsia que lutou ao lado dos persas contra os gregos e Cleópatra Filopátor, considerada a maior ameaça a Roma personificada numa rainha estrangeira. Deste modo, a distinção da bretã como uma *dux femina* a conecta diretamente à Dido de Virgílio⁵⁴, a mítica rainha de Cartago e considerada a *dux femina* original da literatura romana. Gillespie nos relembra a história de Dido: ela se tornou líder depois que Pigmalião que era seu irmão, matou seu marido Sychaeus, acabou sendo forçada a fugir para salvar sua vida. Segundo a historiadora, já no livro I da Eneida, a deusa Vênus disfarça conta a seu filho Enéias sobre a fuga de Dido de Tiro. Dido, então, conduz seus leais seguidores ao norte da África, onde fundaram a cidade de Cartago. Vênus finaliza sua narrativa da fuga admitindo que “*uma mulher foi a líder do feito*” (*dux femina facti*),

⁵⁴ Natália Vasconcelos Rodrigues afirma que o mito de Dido está relacionado à saga de Eneias em busca da nova Tróia. Segundo a autora, o herói épico consegue escapar da destruição de Troia pelos gregos e passa anos viajando pelo mar Mediterrâneo antes de chegar à Itália, onde o herói tinha por destino a fundação de uma cidade. Ao longo dessa trajetória Eneias e seus homens passam pela costa norte da África, onde encontram Dido, rainha de Cartago. A rainha oferece hospitalidade aos tripulantes. Após uma manipulação divina, a rainha é dominada por um amor descomunal por Eneias. O amor é consumado, no entanto, o herói a abandona para seguir seu destino: fundar a futura Roma. A rainha não suporta a dor do abandono, falha na tentativa de interferir na decisão dele, confrontando-o com a sua traição. Porém, Eneias diz a ela que não pensava em um casamento para ambos e segue com seu caminho, de acordo com uma advertência dos deuses. A rainha de Cartago, desesperada por perceber a instabilidade dessa relação, comete suicídio. Dido, em seus últimos suspiros, clamava por vingança, amaldiçoando Eneias e seus homens. A relação de Dido e Eneias torna-se então um mito etiológico das guerras púnicas (RODRIGUES, 2012, p. 159).

Vênus elogia a rainha por sua admirável capacidade de liderar em um momento de angústia emocional (GILLESPIE, 2018, p. 95-96).

De acordo com L'Hoir, Tácito, em sua narrativa, pega uma mulher estrangeira e a faz contar uma história romana. Isso serve com o intuito de romanizar a figura de Boudicca e para apresentar uma justificativa para a rebelião. A autora destaca que o escritor romano utiliza o substantivo *femina* mais de cem vezes e em todas ele utilizou com a conotação de distinção social e moral. A historiadora evidencia que nos *Anais* Tácito usa o substantivo como um componente recorrente de insinuação ligado à impotência de mulheres: é o estereótipo da *femina* que age como *dux* ou que tenta exercer o *imperium*⁵⁵. A autora destaca que Tácito usa este termo para representar mulheres como usurpadoras do poder masculino. Enfatiza ainda que as conotações aristocráticas de mulheres femininas são bastante significativas, pois cada uma que se envolve em questões políticas ocupam a mais alta posição. Além do mais, o generalato feminino era uma instituição bárbara, no entanto, a desaprovação de Tácito por mulheres bárbaras que comandam homens em batalha ou que os governa, fica ofuscada quando se trata de sua repulsa por romanas que o fazem (L'HOIR, 1994, p.7).

Gillespie também enfatizou o estereótipo da *dux femina* para os romanos. Segundo a historiadora, no que temos que sobreviveu da historiografia imperial romana, o conceito de *dux femina* geralmente aparece para indicar uma ameaça representada por uma mulher que assumiu o papel de líder com *imperium*. Segundo a autora, a ideia de comandantes mulheres inverte os papéis normativos de gênero e com isso tem o poder para a “castração” dos homens ao seu redor. Gillespie salienta que se as mulheres agem como homens, então os homens devem se tornar fracos como as mulheres. A historiadora evidencia que os autores do período final da República e do início do Império usavam metáforas militares e atribuíam características masculinas às mulheres que agiam para além dos limites da feminilidade vista pelos nobres romanos como a correta, tudo isso com o intuito de

⁵⁵ Aloísio Surgik afirma que no período republicano, o conceito de *imperium* remontava à época da realeza, o autor afirma que foi durante a transição da república romana para o principado que o conceito de *imperium* é desviado, subvertendo-lhe o sentido jurídico-popular e imprimindo-lhe caráter político militar (SURGIK, 1986, p. 22-32). Renan Frighetto ressalta que essa mudança no conceito ocorreu partir do século I d.C., passou a ser entendido como “poder delegado pela comunidade política ao princeps para que este realizasse a sua defesa *in toto*, tanto em relação aos assuntos internos como também com respeito as ameaças externas”. Deste modo, as campanhas militares levadas a cabo dentro e fora dos limites desse universo greco-latino, davam credibilidade para a manutenção da autoridade (FRIGHETTO, 2006, p.4).

ênfatizar o quão perigoso era permitir que uma mulher tivesse influência nas esferas tradicionais masculinas (GILLESPIE, 2018, p. 97).

L'Hoir reforça a discrepância que é possível perceber na narrativa de Tácito a respeito de uma mulher comandante. Segundo a autora, Tácito passa a ideia de que uma única tribo colocada em combate por uma mulher pode realizar atos bestiais e brutais a curto prazo. Ressalta que para Tácito, os brigantinos deveriam ser trancados em uma escravidão tendo o comando feminino como um fator contribuinte para esta consequência (L'HOIR, 1994, p. 8).

Gillespie afirma que Tácito para descrever as mulheres na Britannia se baseia em dois estereótipos de mulheres no combate: ou elas são como as Amazonas⁵⁶ em sua ferocidade ou elas apenas observam sem demonstrar qualquer empatia. Boudicca conforme ressalta a historiadora, deve ser interpretada dentro do contexto de seu levante e do foco contínuo de Tácito nas mulheres. A professora afirma que enquanto as mulheres romanas possuem características que as colocam como modelos negativos de liderança quando ocorre de suas ações prejudicarem os homens ao seu redor, a guerreira iceni tem a capacidade de encorajar seu povo a lutar pela glória e pela liberdade. Boudicca é a comandante que luta contra uma situação que ela vê como tirania, adotando o papel de *dux femina* tanto em *Vida de Agrícola* quanto nos *Anais* (GILLESPIE, 2018, p.100).

Para Gillespie, Boudicca aborda em seus atos temas de sua liderança, motivos da insurreição, a vitória inevitável e a necessidade ter uma vida livre ou morrer tentando. A historiadora salienta que o discurso da rainha icena é retoricamente eficaz ainda mais porque ela é uma mulher e pode desafiar as ideias dessa masculinidade estereotipada. Ela tira proveito das suposições e as usa a seu favor (GILLESPIE, 2018, p. 102). A autora diz que:

Em seu modo de liderança e por sua morte, Boudicca confirma e subverte aspectos do *dux femina*. Nos *Anais* de Tácito, ela termina sua vida com veneno, permanecendo fiel ao seu sentimento de que a morte é preferível à servidão. Sua morte é uma reminiscência de

⁵⁶ Segundo Pierre Grimal, as Amazonas são mulheres guerreiras descendentes de Ares o Deus da Guerra e da ninfa Harmonia. Grimal afirma que o seu reino é localizado no Norte, quer sobre as cordilheiras do Cáucaso, quer na Trácia, quer na Cítia meridional (nas planícies da margem esquerda do Danúbio). Segundo ele, elas governam a si próprias, sem recorrerem a nenhum homem. À sua frente está uma rainha. Elas não toleram a presença dos homens, apenas se forem seus servos. O autor relata que para alguns autores elas as vezes se uniam a estrangeiros para perpetuar a raça, mas só conservavam os filhos do sexo feminino, a quem amputavam um seio, para que não se sentissem embaraçadas na prática do arco ou no manejo da lança. A paixão das Amazonas era a guerra (GRIMAL, 2005, p.23).

Cleópatra, cuja escolha de morrer pelo veneno de víboras foi considerada heroica e a salvou de ser humilhada e desfilar por Roma como parte do triunfo de Otaviano sobre o Egito. Boudicca recusa-se igualmente a permitir-se essa degradação, negando ao general romano o uso do seu corpo numa procissão triunfal. Para Tácito, Boudicca serviu como uma mulher comandante estrangeira, e sua morte atende às expectativas desse tropo literário (GILLESPIE, 2018, p. 103).

Por fim, a historiadora afirma que quando Tácito caracteriza Boudicca como uma *dux femina*, ele procura orientar seu leitor a interpretar o discurso, as ações e as reações do exército bretão com referência particular à ideia “vergiliana” do conceito de *dux femina*, especialmente quando essas características são empregadas nos Anais. Gillespie afirma que quando aplicada às mulheres romanas por Tácito, a etiqueta da *dux femina* é universalmente negativa e resulta no uso da autoridade à maneira de um *dux*, mas sem possuir um verdadeiro *imperium*. Os leitores então, conforme ressalta a autora, então encontram na rainha bretã uma *dux femina* estrangeira com táticas de campo de batalha bem questionáveis, mas que as suas palavras refletem os valores romanos de liberdade e família. Destarte, enquanto a monarca guerreira desafia as noções tradicionais de masculinidade e feminilidade no mundo romano, ela usa seu sexo como ferramenta para despertar suas tropas para a vingança no combate (GILLESPIE, 2018, p. 103-104).

Por fim, analisando os relatos dos dois autores a respeito de Boudicca, nos é perceptível que a representação da rainha passou pelo olhar do que era para o romano o comportamento ideal de uma mulher. E esse comportamento ideal em suma estava ligado à submissão. Tanto a rainha bretã quanto as demais mulheres de sua tribo, ocupavam espaços na sociedade que para os romanos não eram comuns. Entre os bretões não havia uma delimitação de papéis que as mulheres pudessem exercer. Nós temos então na narrativa sobre a guerreira icena, apenas o olhar do romano sobre esse “outro” que para ele é um outro bárbaro, de costumes anormais. Ainda que Tácito em sua narrativa busque evidenciar a figura da guerreira como uma mãe e uma mulher buscando liberdade, ele não se refere a ela como rainha. Isto passa uma ideia de negação, pois é como se o historiador não reconhecesse em Boudicca essa posição de autoridade e liderança. Ainda que ele diga que ela era uma *generis regii femina duce*, ele não a trata de fato como uma rainha (BÉLO, 2014, p.44), pois ao esposo dela ele se refere como *Rex Icenorum*, ou seja, nele ele reconhece a posição de rei. Ao tratar a líder bretã como uma *dux femina*, o autor deixa claro que essa posição de

reinado que ela ocupa nada mais é do que a tentativa de apropriação de uma posição destinada aos homens. Já Dion Cássio ainda que retrate Boudicca como uma rainha, a representa de maneira masculinizada, evidenciando que ao olhar greco-romano, o governo e a autoridade estão ligados à masculinidade. A liderança é um lugar ocupado naturalmente por figuras masculinas. Sendo assim, uma mulher que exerça esse papel se torna masculina na perspectiva romana.

Considerações finais

Considerando todos os aspectos abordados em nosso primeiro capítulo referentes aos Icení e seus aliados, concluímos que foi muito importante para o levante liderado por Boudicca, pois possibilitou ao exército da bretã um maior número de guerreiros, somando assim mais força aos icení. Isso resultou em uma árdua batalha contra as forças militares romanas. Apesar de os bretões não terem saído vitoriosos no último embate, foram adversários resistentes que ocasionaram baixas ao exército romano. Tácito afirma que morreram 80 mil bretões, já Dion Cássio afirma que morreram 80 mil romanos, portanto, há entre os relatos destes dois autores a divergência acerca da quantidade de romanos e bretões mortos.

Outro combatente importante na história da Britannia contra os romanos foi o príncipe Caratacus. O bretão foi uma das figuras protagonistas contra investidas romanas à ilha, uma personagem imponente na primeira grande investida em 43 EC. Ainda que tenha sido capturado após a traição de Cartimandua, foi representado pelos historiadores romanos como um “nobre bárbaro”, possivelmente por decorrência do privilégio de seu sexo.

A respeito do conceito de bárbaro, percebemos que este foi essencial para compreendermos a narrativa romana sobre os bretões, ou seja, o outro. Na visão do romano, aquele povo insurgente retratados pelos romanos como bárbaros, tinham costumes e práticas que eram destoantes dos romanos, com algumas práticas sendo relatadas como bestiais e brutais, percebemos que os icení e seus aliados eram vistos como bárbaros por nossos autores. Toda a discussão referente ao que era o bárbaro na visão do romano e qual o perfil do bárbaro levantado por nossa bibliografia contribuiu para que fosse possível percebermos o olhar do romano sobre este outro.

Em nosso segundo capítulo, acerca das representações de Boudicca na narrativa de Tácito e Dion Cássio, percebemos que ambos os autores retratam a rainha como um referencial de como não se deve comportar uma mulher. Os historiadores buscaram evidenciar o comportamento que para eles é descomedido como um alerta do que acontece quando se tem mulheres no poder. Tácito enfatiza a figura da mãe mas deprecia o comportamento da guerreira e das mulheres da tribo frente aos abusos romanos. Tácito não se refere em momento algum a ela como rainha (BÉLO, 2014, p.44). , pois acreditamos que ele não a reconheça como uma

rainha, ele pode vê-la como uma mãe que busca por liberdade e não cede às violências romanas, mas ele não a vê como uma rainha. Quando ele a retrata como uma *dux femina* é no sentido pejorativo, querendo passar para o seu leitor que aquela mulher está querendo usurpar um papel que é destinado aos homens e que por essa razão suas ações são bestiais e sua governança não é uma governança de sucesso. Ao nos apresentar o modo que a rainha morreu, segundo Tácito, ela teria cometido suicídio, essa seria uma forma de mostrar que a morte da guerreira icena foi uma morte honrosa.

Já nosso historiador Dion Cássio, nos traz a representação da rainha guerreira como uma mulher masculinizada, com traços e ações masculinas (BÉLO, 2014, p.9; JOHNSON, 2012, p. 60-83-128; GILLESPIE, 2018, p. 77), no intuito de possivelmente justificar sua posição de poder e suas atitudes. Diferente de Tácito, que aborda como estopim do levante a violência contra os corpos, Dion Cássio traz em sua narrativa como fator motivador para a insurreição a exacerbada cobrança de impostos. Portanto, temos uma rainha que percebe as cobranças abusivas e a situação de escravidão e incentiva seu povo a não se sujeitar mais aos romanos. Dion Cássio também enfatiza a questão religiosa, representando Boudicca como uma mulher devota de Andraste e que antes da batalha pede à deusa sua benção e auxílio, performando inclusive, um episódio de adivinhação com uma lebre. O historiador traz em sua narrativa a morte da rainha como resultante de uma doença (DION CÁSSIO, *História Romana*, LXII, 12.5-6; BÉLO, 2014, p. 73), o que percebemos é que esse jeito em que Boudicca morre na narrativa de Dion Cássio, possa ser no intuito de tirar a honra de sua morte.

Por fim, algo que ambos trazem em sua narrativa é o fato de Boudicca ser o oposto da mulher romana. Ambos passam para seus leitores a figura de uma mulher que não segue o padrão ideal de feminilidade romana, uma personagem que transgride as fronteiras de seu sexo, o que torna sua liderança algo tão anômalo para os romanos.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Referência

GRIMAL, P. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1982.

Fontes Textuais

DIO CASSIUS. *Roman History*. Translated by E. Cary. London: G. B. Putman, (bilingual edition), 1925.

TACITUS. *The Annals the Reigns of Tiberius, Claudius and Nero*. Translated by J.C Yardley. Oxford: Oxford World's Classics. 2008.

TACITUS. *Agricola*. Translated by A. R. Birley. New York: Oxford World's Classics, 1999.

Referências Bibliográficas

ALCOCK, Joan P. *A Brief History of Roman Britain*. Reino Unido: Robinson, 2011.

ALDROVANDI, C. E. V. *Etnicidade, helenicidade e alteridade: apontamentos sobre a visão do outro e de si mesmo no mundo antigo*. Labeca – MAE/USP, p.1-29, fev, 2009.

ALMEIDA, Priscilla Adriane Ferreira. *Os Gregos, os Romanos e os Celtas: Contatos Entre Culturas e a Representação do Gaulês no De Bello Gallico de Júlio César*. Revista Cantareira. Ed. nº22, p. 55-68, jan-jul, 2015.

BARATA, Filomena (org). *A Mulher em Roma. Apontamentos e contributos sobre a condição feminina na Roma Antiga*. Portugal: A Companhia da Palavra, 2016.

BARTH, Fredrik. *Etnicidade e o conceito de cultura*. Tradução: Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Antropolítica. Niterói, n. 19, p.15-30, 2005.

_____. *Los grupos étnicos y sus fronteras*. México: La organización social de las diferencias culturales. Fondo de cultura económica, 1976.

BASTOS MARQUES, J. *Estruturas narrativas nos Anais de Tácito*. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, v. 3, n. 5, p. 44-57, set. 2010.

BÉLO, Tais Pagoto. Boudica e o uso de sua figura feminina. *REVISTA DE ARQUEOLOGIA PÚBLICA*, v. 4, p. 44-51, 2011.

_____. *Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder*. Tese (Doutorado em História) – Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

_____. Um estudo sobre as mulheres da Britannia. *VEREDAS DA HISTÓRIA*, v. 10, p. 154-168, 2017.

_____. A Britannia e suas mulheres. *REVISTA DE ARQUEOLOGIA (SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. IMPRESSO)*, v. 30, p. 176-192, 2017.

_____. As mulheres romanas e bretãs da Britannia. *Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas*, v. 2, n. 2, p. 365-384, mar, 2018.

_____. *Britannia: violência, poder e contato*. *ANOS 90*, Porto Alegre, v. 25, p. 77-109, 2018.

BEEKS, Robert. *Etymological Dictionary of Greek*. Boston: Brill, 2010.

BEARD, Mary. *Confronting the classics: Traditions, adventures and innovations*. Mary Londres: Perfil Books, 2013.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHARTIER, Roger. *À beira da Falésia: A História entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CASSIN, B. LORAUX, N. PESCHANSKI, C. *Gregos, bárbaros, estrangeiros: A cidade e seus outros*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

COLLINGRIDGE, V. *Boudica*. Croydon: CPI Group, 2006.

CUNLIFFE. Barry. *The Ancient Celts*. Oxford: Penguin Books, 1997.

DAVIES, A. *Boudica: warrior queen*. Produção de Andrew Davies, direção de Bill Anderson, UK, London: Box TV & Media Pro Pictures, 2003.

DAVIES, J & ROBINSON, B. *Boudica: her life, times and legacy*. Cromer: Poppyland Publishing, 2009.

DOISE, W. *Les représentations sociales: définition d'un concept*. *Connexions*, 45, 243-253, 1985.

FIELDS, N. *Boudicca's rebellion AD 60 – 61: the Britons rise up against Rome*. Oxford: Osprey Publishing, 2011.

FLETCHER, J. & BEAUMONT, F. *Bonduca*. 1609/1979.

FLORES. Elio Chaves. *Nós e eles: etnia, etnicidade, etnocentrismo*. Direitos Humanos. Vol. 2. Fundamentos Culturais e educacionais da Educação em direitos humanos. Editora Universitária da UFPB. João Pessoa, 2008.

FRIGHETTO, Renan, Política e poder na Antigüidade Tardia: uma abordagem possível. *História Revista*, v.11, nº1, p.161-177, jan-jun, 2006.

GARDNER; Andrew; HERRING, Edward; LOMAS Kathryn. *Creating ethnicities & identities in the roman world*. Institute of Classical Studies, University of London, 2013.

GILLESPIE. C. *Boudica. Warrior Woman of Roman Britain*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

GINZBURG, C. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GRIMAL, P. *A Mitologia Grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GRYGIEL, Jakub J. Return of the Barbarians Confronting Non-State Actors from Ancient Rome to the Present. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.h

HALL, J. M. *Ethnic Identity in Greek Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *Hellenicity: Between Ethnicity and Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

HARTSOE, Ella. *The Barbarian Dux Femina: A Study In Creating Boudicca*. Berkeley: Berkeley Undergraduate Journal of Classics, v.6, nº1, 2017.

HINGLEY, Richard. Globalizing Roman Culture: Unity, diversity and empire. London: Routledge, 2005.

HINGLEY, R. & UNWIN, C. *Boudica: Iron Age warrior queen*. London: Hambledon Continuum, 2005.

JODELET, D. *Representações sociais: um domínio em expansão*. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, p. 17-44, 2001.

JOHNSON, Marguerite. *Archaeological Theory: an introduction*. Oxford: Blackwell, 1999.

_____. *Boudicca*. London: Bristol Classical Press, 2012.

JÚNIOR. M. *Roma, et Barbaries: a evolução do conceito de barbárie na antiga Roma*. p. 5-27. Phaos. 2012.

LAURENCE, Ray. *Cultural Identity in the Roman Empire*. Londres: Routledge, 1998.

LAYCOCK, Stuart. *Britannia- The failed state: tribal conflicts and the end of roman britain*. Reino Unido: The History Press, 2008.

LIMA, B. *A construção da retórica da rainha Boudica como mulher na História Romana de Dião Cassio*. Revista Ágora. Vitória, n. 26, p. 160-172, 2017.

L'HOIR, Francesca. *Tacitus and Women's Usurpation of Power*. The Classical World, vol. 88, no. 1, pp. 5–25, 1994.

LOMAS, Kathry. *Roman imperialism and the city in Italy*. In: LAURENCE, Ray; BERRY, Joanne (Org). *Cultural Identity in the Roman Empire*. Londres: Routledge. p. 64-78, 1998.

_____. *Greeks, Romans, and Others: problems of colonialism and ethnicity in southern Italy*. In: WEBSTER, Jane; Cooper, Nick (Org.). *Roman Imperialism: Post-Colonial perspectives*. Leicester: Escola de Estudos Arqueológicos, p. 135-144, 1996.

MARQUES, Juliana Bastos. *Estruturas narrativas nos Anais de Tácito*. Revista História da Historiografia, nº 5, p. 44-57, set, 2010.

MENNITTI, Danieli. *As mulheres não tão silenciosas de Roma: representações do feminino em Plínio, o Jovem (62 a 113 d.C)*. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015.

PINSKY, Carla. *Estudos de Gênero e História Social*. Estudos Feministas, Florianópolis, v.17(1): 296, 2009.

PINTO, Renato. *Duas Rainhas, um Príncipe e um Eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2011.

RODRIGUES, Natália Vasconcelos. *A representação de Dido e o discurso feminino na épica e na elegia*. Revista Entrelaces. Ano III, nº3, nov, p.158-170, 2013.

SCOTT, Joan. 'Gênero: uma categoria útil para análise histórica'. S.O.S. Recife: 1991.

SCOTT, M. *Boudica*. New York: Ramdon House Publishing Group, 2008.

SEALEY, P. R. *The Boudican revolt against Rome*. Oxford: Shire Publications LTD, 1997.

SEBILLOTTE CUCHET, V. 'Les antiquistes et le genre'. In: SEBILLOTTE CUCHET, V; ERNOULT, N (orgs.). *Problèmes du genre en Grèce Ancienne*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2007.

SILVA, Heloísa. *Boudica: uma rainha guerreira entre impérios*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018.

SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves; ALBUQUERQUE, Mauricio da Cunha. In: *Mirabilia*. Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval, vol. 21, p. 345-359, 2015.

CORSI SILVA, S. *Barbaridade versus Humanitas no Principado Romano: a política e a construção da imagem do imperador Heliogábalo (século III EC)*. Alétheia - Estudos sobre Antiguidade e Medieval, v. 1, n. 2, p. 23, 3 out. 2019.

SNYDER, Christopher. *The Britons*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

SURGIK, Aloísio. Do Conceito Romano de Imperium e seus Desvios Jurídico-políticos. *Revista da Faculdade de Direito UFPR*, v. 23, n.0, p. 19-35, 1986.

TODOROV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*. Rio de Janeiro, Vozes, 237pp, 2010.

TREVELYAN, M. *Britain's greatness foretold: the story of Boadicea, the British warrior-queen*. London: John Hoogg, 1900.

VEYNE, Paul. *Humanitas: Los romanos y los demás*. In: GIARDINA, Andrea (Org). *El Hombre Romano*. Editora Titivillus, 2019. P. 547-594.

WATTS, Dorothy. *Boudicca's Heirs: Women in Early Britain*. London: Routledge, 2005.

WEBSTER, Graham. *The Roman Invasion of Britain*. Londres: Routledge, 2003.

_____. *Boudica: the British revolt against Rome AD 60*, London, Batsford, 1978.

_____. *Rome against Caratacus: The Roman Campaigns in Britain AD 48-58*. Routledge, 2003.

WILDING, V. *Boudica and her barmy army*. London: Scholastic, 2005.

WILLIAMS, C. *This frantic woman: Boadicea and English neo-classical embarrassment*, In: M. Wyke and M. Biddiss (eds) *The uses and abuses of Antiquity*, Bern, Peter Lang, 19 – 36, 1999.